

ILUSTRAÇÃO



A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 54 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impercíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Pavo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
..... — (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campainha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch 10\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 100 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.^o - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente à Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA.



Infância Saudavel e Feliz

Quando, após os críticos primeiros meses do bebé os seus membros começam a desenvolver-se com vigor, são bem notáveis os benéficos efeitos que provém de começar cedo a ministrar os afamados ALIMENTOS ALLENBURYS de composição semelhante á do leite materno e com a necessária dose de Vitamina D — elemento essencial á formação perfeita dos ossos e dos dentes

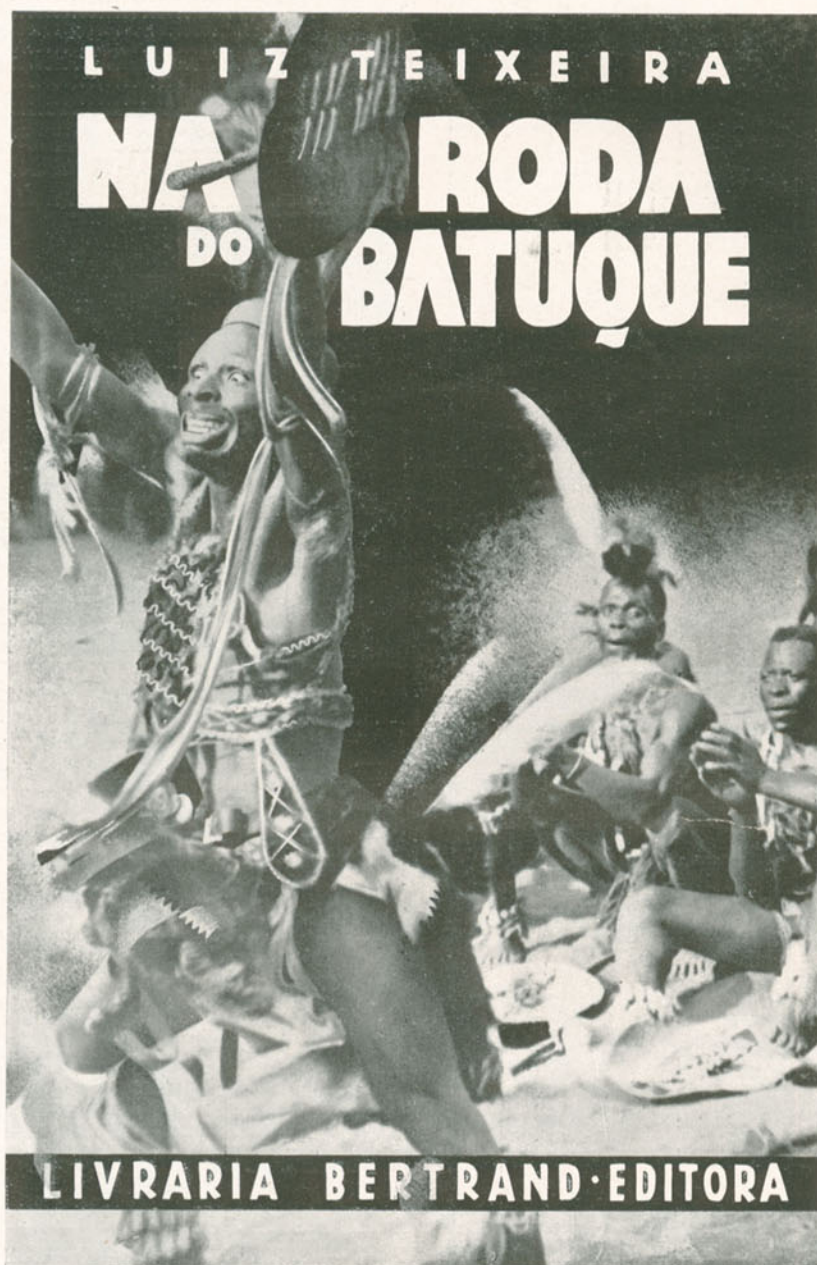
A venda nas boas farmácias e mercearias

Peça V. Ex.^a um folheto gratis

'Allenburys'
série de alimentos para crianças

Fabricantes: ALLEN & HANBURYS LTD., LONDRES.
Sub-agente no PORTO: Farmácia Sarabando, L. Loios, 35.
Representantes no País: COLL TAYLOR LDA., R. Douradoura
29.1.^o LISBOA. Telef. 21476. Teleg. DELTA.

UMA OBRA PRIMA DE LITERATURA COLONIAL



VINTE MIL QUILOMETROS NO CONTINENTE NEGRO

S. Tomé e Príncipe, Angola, Congo belga, Rhodesia, União Sul Africana, Moçambique

CIDADES — PAISAGENS — COSTUMES — ATRACÇÕES DESCONHECIDAS

1 vol. de 230 págs. com 18 gravuras e capa ilustrada . . . *Esc. 10\$00*

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Quando não ha tempo para uma refeição quente

Se experimentar uma vez **KELLOGG'S Corn Flakes**, torna-se um alimento usual em sua casa. Todos gostam de **KELLOGG'S** — velhos e novos — e são muito uteis quando não ha tempo para fazer uma refeição quente.

Feitos do delicioso e nutritivo coração de milho fornecem valiosas qualidades nutritivas. Não é preciso cosinhar. Servem-se directamente do pacote com leite frio ou nata, assucarando-se segundo o paladar. Também se pode juntar frutas frescas ou compota.

Exija em todos os bons estabelecimentos o pacote

VERDE E VERMELHO



Kellogg's CORN FLAKES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:
FIGUEIRA & ALMEIDA — Rua da Madalena, 88-Lisboa

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Revelação do Segredo da Influencia Pessoal

Metodo simples que toda a gente pode empregar para desenvolver as forças do magnetismo pessoal, a memoria, a concentração e a força de vontade, e para corrigir os habitos perniciosos por meio da maravilhosa sciencia da Sugestão. Livro de 80 paginas descrevendo detalhadamente este metodo unico, bem como um estudo psicoanalitico do character, mandados GRATUITAMENTE a quem escrever imediatamente

«A maravilhosa força da Influencia Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Controle do Espirito, denominem-na como quiserem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida», diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado, «A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinarios das praticas dos Yogis da India, e



Sr. D. C. Houlding

expõe um systema unico no seu genero para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hypnoticas e Telepathicas, da Memoria, da Concentração, da Força de Vontade e para a correção dos habitos por meio da maravilhosa sciencia da sugestão.

M. D. C. Houlding escreve: «A vossa inspiração fez de mim um novo homem, o meu poder de concentração e dominio de mim mesmo tem-se melhorado extraordinariamente. Destes-me a confiança em mim proprio e tendes-me permitido exercer

uma notavel influencia sobre os outros. Desde pouco, os meus sucessos foram tão remarcaveis como o tinha sido antes os insucessos.» Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproducções fotograficas, demonstrando como estas forças invisiveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supôr. A distribuição gratuita de 10 000 exemplares foi confiada a uma grande instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Alem da distribuição graciosa do livro, será igualmente enviado a toda a gente que escrever imediatamente, um estudo do seu character. Este estudo preparado pelo Prof. Knowles contará 400 a 500 palavras. Se deseja pois receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu character, copie simplesmente com a sua propria mão as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar.
Queira ler o meu character
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora), e dirija a sua carta á *Psychology Foundation, S. A.* Distribuição gratuita (Dept. 6045-A.), Rua de Londres, N.º 18, Bruxelas, Belgica. Se quiser, pode juntar á sua carta Esc. 2.70 em selos do correio do seu paiz, para a despeza com a franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Belgica é 1.60 Esc.

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00

Encadernado 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor
incontestavel está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilla

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha,
Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroideá, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroideá sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre cronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar. III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do apetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a ele.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexual. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não e mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CAÍ a meio da quinzena o dia da Espiga que os lisboetas celebram com a ida ao campo, libações à sombra da fôlha verde, colheita de um fruto na seara e flores silvestres, atadas em capela, para oferecer aos deuses lares, propiciadores do pão na roda do ano.

A reminiscência pagã de festa, em honra de Ceres, pedia que fosse buliçosa, alegre, de côr viva, graças aos elementos de que dispõe, luz, amenidade, céu sorridente, frutos garridos. É o momento escarlate do ano. Morangos, cerejas, papoulas metem brilho de estrelas encarnadas num céu de esmeralda. Os troncos velhos readquirem viço, esplendem de frescura, atraem a vida que canta e revoeja. Acelera-se o movimento da seiva, o sangue brinca nas veias vibrateis. A alacridade emana de quanto se mostra à face da terra. O que sente, o que respira, mesmo o inanimado aparecem tocados pelo milagre da renovação. Todos os seres se associam à festa da primavera. Todos, menos o lisboeta que sai para visitá-la, alegrar-se com ela, e vai e volta sempre tristonho. Colheu a espiga, a papoula, a margarida, bebeu vinho. E não riu, nem brincou, nem cantou. Foi percorrer o chão verde e não sentiu o mês, pois não soube exprimi-lo como o exprimem os pássaros, os insetos, as bestias que rastejam.

Quem entenderá o animal sorumbático, quieto, calado que habita na margem direita do Tejo? E, depois de entendê-lo, quem o salvará da madorra em que caiu que tão mal lhe quadra?

Diferente de todos os mais da sua espécie, bem merecia um redemptor que o livrasse da sombra negra que o perseguia.

Desgraçado, ninguém cuida em chamá-lo à vida, ensiná-lo a rir, a folgar, a ter alegria.

Povo infeliz, não sabe animar-se, ninguém o ensina.

Quando pretende cantar, geme uma coisa de nome O Fado que parece chamar pela morte, ou pelo fim do mundo.

Há talvez quem julgue o mal sem remédio. Enganam-se os que assim pensam, porque a tristeza é mais que tudo uma aparência, ou fingimento. De verdade significa imaginação parada, espírito dormente, ou simples comédia. Também

CRÓNICA DA QUINZENA

por aí se sofre ainda de mal romântico que rescende a impostura.

As hortas revelam-se sorumbáticas? Pois a cidade não o é menos. Lisboa usa em todas as estações do ano cara de entêrro. Não há sol que a espaireça. Em Dia da Espiga luminoso, atraente como poucos se veem na terra dos dias belos, os jardins transbordantes de flores, inundados de perfumes, de frescura capitosa, encontram-se desertos. Duas velhas num, quatro anciões noutra, meia dúzia de cabeças infantis a esfroncar o nariz sentadas no terceiro, e o mesmo no quarto, no quinto, em todos.

Aonde estariam as cem mil crianças da capital àquela hora feliz, tão recomendada para recreio, arejamento, insolação, convívio com os da sua idade?

Ouviam-se os pássaros nas árvores e os passos de quem andava no terreiro do jardim, tal era o silêncio.

Em tôdas as cidades, menos propícias, menos bem dispostas para a vida exterior, nêsse mesmo instante, os parques se apresentariam enxameados de gente meuda, chalreira, estridula, de obrigar a altear a voz adulta em conversa. Os pequeninos lisboetas, enquanto êsses adquirem hábitos de comunicabilidade ou formam o gôsto e geito para exprimir alegria, permanecem engavetados a concentrar bisonhice para mais tarde mostrarem a cara de carranca exposta no Rocio, nos cafés, ajuntamentos, lugares públicos, comemorações festivas.

Aprendem desde o início o porte daquela mascara de ferro fundido, inexpresiva, morta, que tanto impressiona os visitantes de outra raça e os leva a juízos temerários.

Muitos colhem a impressão de existir uma tristeza de raça, com raiz étnica.

Mentira.

Se bem quisermos entender o fenomeno, reconheceremos nessa aparência um simples sinal de má educação. A sisudez significa apenas uma falta de adaptação à vida de sociabilidade. Ao português não

se ensina em pequeno a falar, a expandir-se, a manifestar contentamento. Chega a crescido e não sabe. Se lhe dá para traduzir folguedo, procede desastrosamente. Mostra falta de prática porque não aprendeu a fazê-lo na idade própria. Berra, escabuja, diz disparates, apresenta-se ridículo. Chufam-no por isso, êle encorda e concentra-se.

Começa em menino o êrro que se prolonga na idade escolar e segue até ao pleno desenvolvimento. Mutilam-no em todos os periodos, fornecem-lhe uma experiência de vida artificial, desequilibrada que fenece em desarticulação do caracter.

Basta a não convivência dos sexos para comunicar às pessoas individuais, aos ajuntamentos, às multidões, aspectos extravagantes, maneiras singulares, á primeira vista chocantes, sem se lhes colher o sentido. A nossa expressão multitudinária difere das restantes europeias. Tôdos o percebem de chofre. Não lhe apanham o porquê. Só mais tarde percebem que o defeito provém de estar a humanidade presente apenas em meia dose.

O elemento masculino, único á vista, é metade do homem. O feminino em Lisboa não existe, conserva-se sempre ausente.

Daí resulta a feição estranha, desarmonica, absurda da cidade. O habitante aglomerado tem aparência feroz, conspiratória, sediciosa pelo motivo de se apresentar em cissiparidade, partido ao meio, afastado da outra metade que lhe infunde graça, espirito, delicadeza. Uma praça concorrida figura uma iminência de tumulto; um botequim, cervejaria, café, assembleia, sugere uma carbonária; uma rua concorrida lembra sinistro, ou assalto.

A fisionomia de amenidade e vida regular, dentro das leis da natureza, nunca êste burgo tagitano a mostra seja a quem fôr.

Os seis leitores fieis desta crónica aqui chegados, respiram e desabafam: "Tem razão o cronista". E feito êsse juízo partem sósinhos, no estado de metade, para o seu poiso de linguarejo habitual. Se em vez de seis fôssem seis mil, ou seis milhões repetiriam o mesmo desabafo, seguindo do mesmo acto.

O mal está nos homens, nas mulheres e nas crianças.

Só com um redemptor, dos bons, dos que se não deixam crucificar pode valer-nos.



Largo de São Rafael

Os bairros pobres e típicos da cidade velha são, em geral, muito mais ignorados do que se supõe. O lisboeta que habita a outra parte da cidade, espaçosa e elegante, quase desconhece os bairros miseráveis que vivem, há séculos, no próprio coração da cidade.

Entre eles, o de Alfama é um dos que merecem ser visitados. Merece que se sacrifique o piso macio do Chiado e da rua do Ouro, ao solo áspero das suas vielas tortuosas e escuras.

Abunda em pitoresco o vespertino bairro, tão velho como a própria cidade de Lisboa. As duas letras iniciais do seu nome, *Al*, lá estão a denunciar a origem árabe anterior à conquista da cidade.

Porque tem resistido com tenacidade ao progresso, Alfama é hoje como que um museu da cidade antiga. Os séculos deixaram por lá a marca da sua passagem, que se têm conservado na sombra protectora dos seus bécos escuros. Aqui e além, o passado ressurge, com todo o característico da Idade Média, num prédio, num gradeamento carcomido ou numa imagem tósca de santo popular.

Mas isto de velharias e relíquias arqueológicas faz surgir uma complexa questão.

É certo que Alfama tem pitoresco e característico e que abriga no seu recinto curiosos documentos de eras que passaram.

Mas é também verdade que lá dentro vive uma população de trabalhadores humildes a que faltam as mais elementares condições de higiene. Por estes bécos e calçadas onde o antiquário se extasia, definham gerações à mingua de sol e de ar puro.

A questão resume-se, portanto, num conflito entre tradição e higiene. Por um

lado é problema arqueológico, por outro problema social. Há que resolver um desses problemas ainda que em prejuízo do outro. E neste caso a higiene não pode deixar de triunfar sobre a tradição.

Sacrifiquem-se, pois, as velharias onde não fôr possível condicioná-las à higiene e ao conforto duma população que trabalha. Que os antiquários cedam o lugar aos higienistas.

Vai sendo tempo do camartelo justiceiro e demolidor da Câmara Municipal entrar em Alfama e abrir caminho para um pouco de civilização e conforto.

Como museu de antiguidades, nota pitoresca e colorida da Lisboa antiga, Alfama estaria bem. Como centro de população, refúgio de humildes trabalhadores — não.

Eis o problema que os urbanistas deverão resolver sem tardar.

Enquanto isso se não faz, vale a pena — já o dissemos — alongar os passos pelo bairro de Alfama em momentos de ociosidade.

Vale a pena penetrar no dédalo complicado das suas vielas, travessas e bécos sombrios, sondar os seus recantos escuros onde ferve uma multidão activa.

Em parte alguma se encontrariam trechos mais típicos da nossa cidade.

A nota dominante no ambiente de Alfama não é, como se poderia julgar, uma côr — é um cheiro. A civilização eliminou de há muito esse pormenor do ambiente das cidades, lavadas pelo ar e pelo sol. Mas em Alfama, como nos agrupamentos humanos do Extremo-Oriente, o cheiro representa ainda a nota dominante no conjunto — um cheiro feito da mistura de muitos cheiros, em que



Escada da Adifa

O bairro de Alfama

tão pitoresco e característico

é desconhecido de metade da população de Lisboa

há um tanto de podridão, de bafio e de comidas fortemente temperadas.

Mas o que mais impressiona o visitante em Alfama é a própria estreiteza do bairro. Dir-se-ia, ao observá-lo em conjunto, que uma ciclópica muralha o estreitou em longo abraço. Tudo parece esmagado,



Rua de Santo Estevão

deformado, ganhando em altura o que lhe falta em extensão. Há ruas onde duas pessoas caminhando em sentidos opostos se cruzam com dificuldade. Os prédios elevam-se para as alturas como se os dominasse uma ânsia atroz de espaço. E ao chegar lá acima, cansados do esforço, vergam-se sobre a via, ameaçadores.

Por isso o Sol em Alfama é privilégio de raros. Só os que moram lá no alto dos prédios esguios e tombados, sentem durante algumas horas do dia a sua carícia tépida e desinfectante. Os que vivem cá em baixo, ao nível da cabeça pedregosa, contentam-se em vêr uma nesga de céu entre dois beirais que se inclinam até quasi se tocarem. Sítios há onde essa mesma nesga de céu foi suprimida por estranhas construções de madeira lançadas entre os prédios. Dêsse céu artificial de madeiras mal pintadas, que espalha em redor denso negrume, pendem lastimosamente restos de velhas tábuas apodrecidas em equilíbrios difíceis. A rua parece engolfar-se nas habitações ennegrecidas que a apertam.

Alfama vive afastada do céu e aferrada ao seu solo acidatado. É no pavimento das ruas, feito de pedras grossas e mal unidas, que se condensa a vida desse formigueiro gigantesco. Tudo aí vem

parar — restos de hortaliças, ossos, trapos, objectos inutilizados. Pelas valetas há crianças esfarrapadas para quem o lixo substitue os brinquedos. Grupos de mulheres pelas portas ocupam-se em humil-



Béco da Bicha

des trabalhos caseiros. E as ruas, travessas e bécos têm a animação e o movimento duma feira ou dum arraial. Uma são como rios humanos por onde desliza, em contínuo vai-vem, uma multidão activa, e que condensam a vida comercial do bairro. Outras, têm seu ar sossegado e formam como a continuação dos tugúrios humildes que as cercam, tantas são as ocupações domésticas que se realizam na rua.

Todos procuram na via ou no beco acanhados aquela parcela de luz e de ar que em Alfama é escassa, e que, por vezes, falta em absoluto nas habitações.

Com tudo isto, Alfama tem colorido. Embora sombria, sempre aqui ou além surge uma nota de côr alacre quando um pouco de sol se filtra através dos prédios e vem doirar a calçada. Então a côr adquire, por contraste, mais vigor e na rêsnea de sol que se alonga dormitam gatos e revolvem-se crianças sujas.

Mas isto, que forma o ambiente característico de Alfama, não é o que mais interessa o visitante. O melhor de sua atenção irá para o imprevisto que o espera ao dobrar de cada esquina, ao desdobrar de cada travessa.

A vida moderna vai suprimindo o imprevisto. O traçado geométrico das ruas, a uniformidade das decorações,

quasi o aboliram já nas grandes cidades.

Ao visitar um centro urbano moderno, mesmo pela primeira vez, já sabemos que a seguir a uma rua outra lhe sucede paralela, com as mesmas árvores, os mesmos candeiros e edifícios semelhantes.

Em Alfama, não. Depois dum beco estreito e escuro encontra-se sempre mais escuros e mais estreito. Ao virar aquela esquina com que edifícios vamos deparar? Impossível adivinhá-lo para quem não conheça Alfama. As construções absurdas sucedem-se numa diversidade que desafia toda a imaginação. Aqui é um prédio cujos andares à medida que sobem no espaço se alargam, dominando a rua sobranceiros. Além, dois prédios esguios inclinados um sobre o outro, num equilíbrio inexplicável. Por toda a parte edificações estranhas — pontes de madeira suspensas sobre a rua ligando prédios fronteiros, construções de madeira agaradas às fachadas. Impressionante anarquia que nos dá a sensação de luta violenta pela conquista dum espaço que escasseia.

E as relíquias de tempos idos sucedem-se. Janelas cobertas de dupla grade de ferro que a ferrugem de alguns séculos, talvez, vem corroendo.

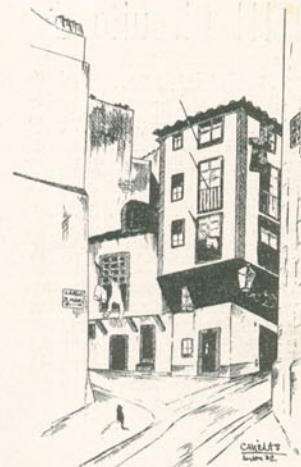
Nichos toscos que abrigam imagens ennegrecidas de recorte ingénuo. Num destes nichos, uma lâmpada votiva, cuja chama tremula na atmosfera pesada do béco.

Espalhados ao acaso, poiais, trechos de muralhas, janelas de rótulas — restos dum passado morto que chegou a ser brilhante.

Alfama, bairro vetusto e sombrio, tem, a-pesar de tudo, a sua beleza. Enspada de tristeza e negrume, ressuma dêle, con-



Béco das Cruzes



Largo de São Miguel

tudo, um encanto particular a que não falta poesia.

Isso explica que êle tenha servido de tema de inspiração a tantos artistas que na aguarela ou no desenho têm fixado os aspectos mais típicos do populoso bairro.

Quando há dias, em busca de observações recentes para a composição deste artigo, percorrimos as ladeiras íngremes que conduzem a Santo Estevão, depa-rrou-se-nos o quadro curioso dum artista que, sentado num degrau e rodeado de rapazio, tentava reproduzir no papel o panorama pitoresco e vário do casario amontoado.

Os seus olhos azul-claros, que acusavam origem inglesa, sondavam a floresta de construções exóticas, curiosos.

É que vão sendo raros no nosso tempo os recantos que guardam, com tanta pureza como Alfama, o pitoresco e o característico.

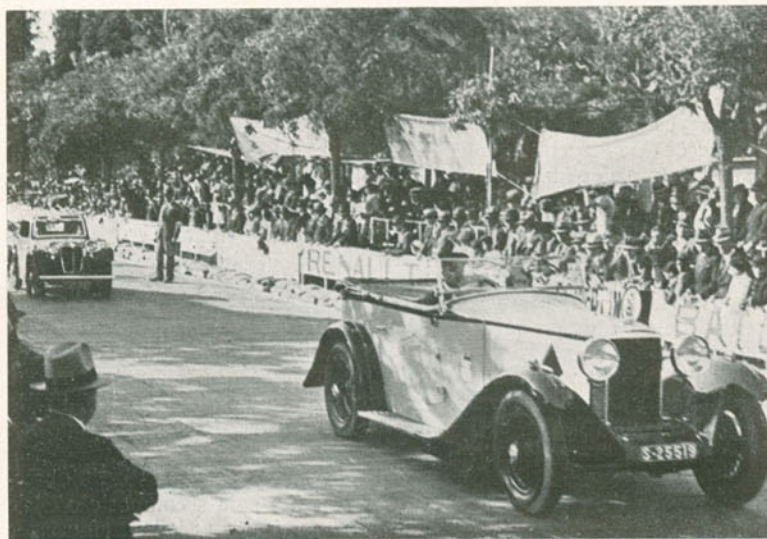
Como dissemos, Alfama com o seu ambiente tão peculiar tem tentado numerosos artistas. Canelas, cujos desenhos ilustram estas páginas, foi também vencido pela tentação. Mas tão forte é a influência do velho bairro, que o original desenhador para o fixar nos seus desenhos pôs de parte o seu traço audacioso de jeito modernista. E numa série de desenhos cuidadosos deu-nos algumas das mais expressivas passagens de Alfama, pondo nesse trabalho uma nota de ternura — faceta do seu temperamento que desconhecíamos.

Exagerou, talvez, certos pormenores. Mas fez bem. Alfama é assim mesmo — feita de ruelas acanhadas, de prédios que se dobram uns sobre os outros e que se espalham em perspectivas inesperadas.

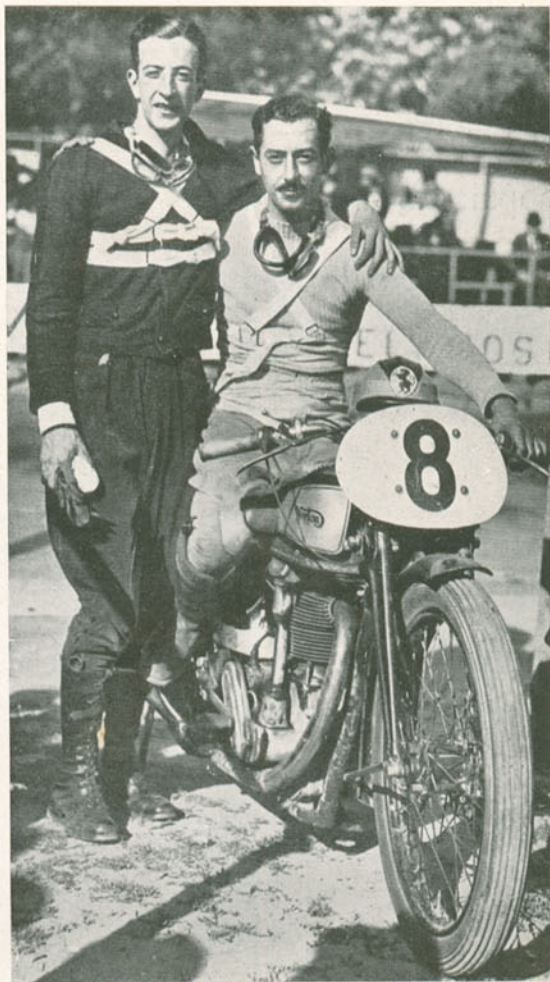
(Desenhos de Canelas)

O III Circuito do Campo Grande

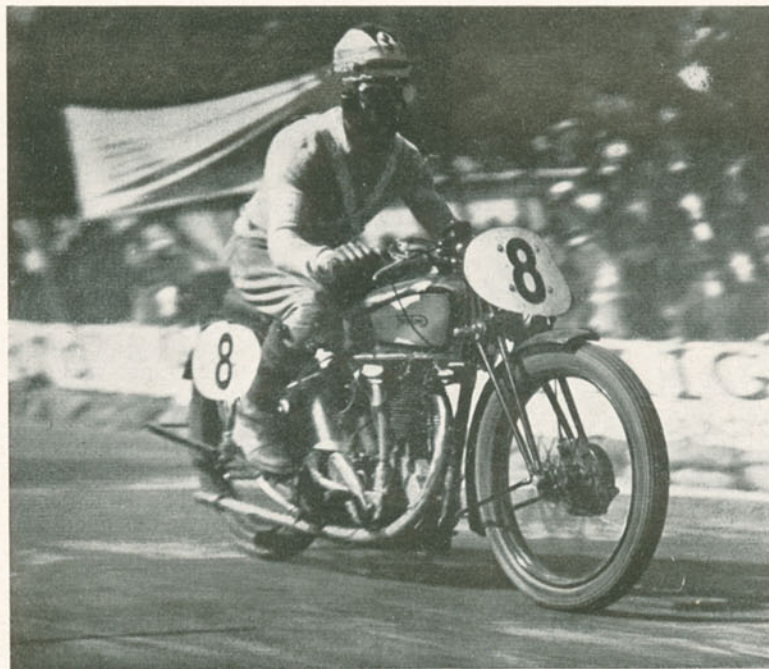
Com grande animação e concorrência efectuaram-se no Campo Grande as provas do III Circuito, promovidas pelo sr. governador civil, com o concurso do Automovel Club de Portugal. No primeiro dia, houve corridas de motos (categoria «seniors») triunfando António Jorge Teixeira e Angelo Ferreira Bastos, com as médias horárias, respectivamente de 110.942 e 110.795 e de automoveis (categoria «sport»), vencendo: 1.º grupo — Armando Pombo, com 128.145 de percurso, à média de 85.430; 2.º grupo — Joaquim Fiuza, com 129.774 de percurso, à média de 86.516 e 3.º grupo — Vasco Sameiro com 149.504 de percurso à média de 99.668. O segundo dia, iniciou-se pelas corridas de motos — classe de 500 c. c. e 350 c. c., vencendo respectivamente: Alberto de Mascarenhas, em 45 m., 10 s. e 80, à média de 95.824 e António Tomás da Rocha Quartín, em 50 m., 31 s. e 60, à média de 94.894. Houve depois Concurso de Elegância e Conforto. Terminou pela prova de velocidade entre automoveis de grande categoria. Travou-se uma luta encarniçada e perigosa entre Vasco Sameiro — que venceu a prova — e Henrique Lehrfeld — que chegou em segundo lugar. Nas salas do Automovel Club efectuou-se perante numerosa assistência a distribuição dos prémios, que foi presidida pelo governador civil, sr. tenente-coronel João Luís de Moura.



Um aspecto do Concurso de Elegância e Conforto, realizado no Campo Grande, vindo-se ao fundo uma das tribunas ocupada por famílias da nossa sociedade elegante e por entidades em destaque



Os dois grandes vencedores das corridas de motocicletas da categoria de «juniors»: Alberto de Mascarenhas e Antonio Tomás da Rocha Quartín, vencedores, respectivamente, das classes 500 cc. e 350 cc.



Alberto de Mascarenhas, o vencedor da corrida de motocicletas, da classe de 500 c. c., (categoria «juniors») que percorreu as 28 voltas ao Campo Grande em 45 m. 40 s. e 80, a uma média de 95.824 a quem o público dispensou uma calorosa manifestação de simpatia



António Jorge Teixeira, o vencedor da corrida de motocicletas, da classe 500 c. c. (categoria dos «seniors»), que percorreu as 45 voltas ao Campo Grande em 1 hora, 9 minutos e 33 segundos, a uma média de 110.942



NO Grémio Literário efectuou, na tarde de 21 do mês passado, uma interessantíssima conferência sobre «Divagações sobre a América — Descobrimientos e descobridores» o sr. almirante Gago Coutinho. O ilustre sábio foi apresentado á assistência pelo sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, presidente da direcção daquela agremiação. Declarou que não fazia a apresentação do conferente, visto tratar-se duma pessoa subejamente conhecida e nem sequer lhe podia conceder a palavra, visto ser Gago Coutinho sócio do Grémio Literário. Por isso, limitava-se a anunciar que o grande navegador aereo português ia falar.

Gago Coutinho — que iniciou a sua palestra com algumas «blagues» — começou por dizer que não estava ali como almirante, mas como simples sócio do Grémio.

Passando a falar da fórma como foi descoberta a América, disse que quem lá chegou primeiro foram os de pele queimada, como êle, e, por isso,

Uma conferência de Gago Coutinho

tem o direito de perguntar o que fizeram á terra descoberta.

O sr. almirante Gago Coutinho, sempre escutado com grande interesse pela assistência, passou a estabelecer a diferença que existe entre as caravelas e os paquetes commodos em que hoje se transpõe o Atlantico, mostrando a vida árdua dos navegadores.

Defendeu, seguidamente, a prioridade dos portugueses nos descobrimientos, descrevendo as primeiras tentativas para se desvendar o mistério do Atlantico.

O conferente occupou-se, depois, da figura de Colombo, dizendo que êsse navegador o pouco que sabia tinha-o aprendido com os portugueses

e quando êle ainda estava convencido de que a terra tinha o feitio de um ovo, já nós sabíamos que ela era redonda.

Disse depois que a descoberta da América por Colombo não foi um acto consciente, pois êsse navegador preparava-se para descobrir a Asia.

Tôdas as peripécias que antecederam a viagem de Colombo foram descritas pormenorizadamente pelo ilustre conferencista, que, terminada essa narrativa, disse:

— Eu não sei se V. Ex^{as} já estão aborrecidos com esta descrição, mas, se assim fôr, digam para que eu acabe já.

O sr. almirante Gago Coutinho referiu-se, depois, á viagem de circumnavegação feita por Fernão de Magalhães, dizendo ser essa a maior de todas as façanhas de portugueses.

Por último, falou do panorama actual das relações entre a América e a Europa.

Ao terminar o sr. almirante Gago Coutinho foi alvo duma grande salva de palmas.



EM CIMA: O sr. almirante Gago Coutinho tendo a sua conferência. A' esquerda vê-se o sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, presidente da direcção do Grémio Literário, que presidiu á sessão. EM BAIXO: Um aspecto da assistência entre a qual se vêm numerosas senhoras

Sousa Costa — o vigoroso autor do «Regresso à felicidade», nome conhecido e apreciado na literatura — tem no prólo o segundo volume das «Páginas de Sangue». O primeiro, que ainda há pouco veio a lume em terceira edição, tem como sub-título: «Brandir, Marsais & C.ª e Este Terço»; «Buitas, Costas & C.ª». Reconstituem-se nele as maiores tragédias políticas dos nossos dias. A nova obra abre pelo Regicídio e acaba no 19 de outubro. Transcrevem os dos seus mais interessantes capítulos. É a descrição do combate de Chaves, travado entre as hostes monárquicas de Paiva Couceiro e as forças republicanas. É uma página para a história da República. Heróis houve dos dois lados, no dizer de António Granjo, o malgrado político, que foi o chefe do grupo de atiradores civis que cooperou, com a coluna republicana.

A coluna chefe, comandada por Paiva Couceiro, quatrocentos a quinhentos combatentes, dirige-se de Ginzo de Limia aos povoados da fronteira barroá. Traz duas peças, carregadas ao dorso de muars, duas metralhadoras, combóio doutros soldpeds conduzindo outras armas, munições, bagagens, viveres. Entra por Sindim, concelho de Montalegre. As peças, cá dentro, marcham a rodado, os serventes a fustigar as mulas de tiro. Paiva Couceiro simula a intenção dum ataque a Montalegre. Manda ultimatum de rendição à alpestre vila raiana. Mas, despedido o ultimatum, corta por caminhos montanhosos com rumo a Chaves cingido à fronteira, as patrulhas moveis em reconhecimento e apoio aos flancos da coluna — bivaque, a 7. de tarde, junto aos muros acolhedores de Vilarinho da Raia.

Assim, na madrugada de 8, a coluna Paiva Couceiro levanta o bivaque e mete direito a Chaves, além do mais na esperança de operar a ligação com a coluna Sousa Dias nos subúrbios da vila. Pelo caminho recebe outras novas de bom agouro — sendo a melhor e a mais prometedora a saída de Chaves, para acudir a Montalegre, da artilharia e metralhadoras de guarnição à praça, com perto de dois centos de homens a pé e a cavallo. E para Vila Verde, no intuito de conter o avanço da coluna Sousa Dias, haviam largado pelotões de cavalaria, infantaria e Guarda-Fiscal — o que diminua consideravelmente os efectivos da República, enfraquecidos pela indisciplina geral e pelo teor do prestígio e armas do paladino monárquico.

De facto, o comandante em chefe das forças fieis, tenente-coronel Custódio de Oliveira, alegando um possível ataque a Montalegre, destacava por Sapiões, na rota da vila fronteira, a coluna do major Fonseca Antunes — com as únicas peças e metralhadoras da guarnição, com os pelotões de cavalaria e infantaria chefiados pelo tenente Lopes Teixeira, aspirantes Gastão de Sousa Dias e Amaral Fernandes, levando por ajudante o alferes Ribeiro de Carvalho.

Primeira fase do combate — assalto à espessa e vasta corvoça que forma o espaldão da Carreira. Os assaltantes galgam as vertentes do espaldão — alta cortina de terra destinada a proteger quintas e campos vizinhos das balas dos atiradores em exercício. E lá de cima abrem fogo vivo contra as 4 praças da guarnição habitual.

Apanhadas de surpresa, as praças saltam os muros circundantes. As ordens do cabo José Exposto, agüentam a fuzilaria do inimigo. E com o tiro das suas espingardas cortam a marcha fulminante das forças realistas, permitindo às forças republicanas que se entrenchem nos pontos estratégicos a leste do povoado.

A companhia do capitão Tito Barreira estende-se em atiradores ao flanco esquerdo da Carreira de tiro. O pelotão do tenente Pereira Soares, seguindo o caminho do forte de S. Neutel, vai postar-se por trás de muros junto da quinta do Rolo. O pelotão do tenente Alexandrino Macedo, alargando o campo de acção para o sector oposto, acomete a coluna da visinha povoação do Telhado. Os pelotões dos alferes Francisco de Carvalho e Fernando Adão, reforçados pelas carabinas do aspirante Henrique Carmona, guardam valas e pedreiras do contorno. E os grupos de atiradores civis, com António Granjo num dos pontos mais batidos pelas balas, completam as linhas de defesa e prestam ajuda ao munição dos combatentes.

O combate iniciado pelo assalto ao espaldão, todos os fogos se concentram no ataque e defesa da cota excelente.

O gróss da guarda avançada rebelde, sob o comando do capitão Martins de Lima, rompe fogo contra as linhas que pretendem desalojar os realistas da Carreira de tiro — onde os mais ousados vão caindo mortos, soldados, cabos, o sargento Moreira, o sargento Dionísio. E mal o



A ponte romana de Chaves

contingente Martins de Lima faz as descargas de abertura, a peça do Conde de Mangualde, assente no pinhal de Sanjurge, e a do cavatão Luís Augusto Ferreira, no pinhal fronteiro àquele, dão público sinal da sua presença — repercutindo o tom das vozes atroadoras por pendores e gargantas das serranias confinantes. Simultaneamente, os grupos do tenente Ferreira Caio, do tenente Victor de Menezes alargam as posições de ataque, para a direita, para a esquerda — o tenente Menezes ferido aos primeiros passos no terreno saravado de balas.

O tiroiteio, de lá para cá, de cá para lá, crepita, desdobra-se, multiplica-se — a casaria da vila, sobranceira às linhas de fogo, é a própria parecendo fútilhar, arder, crepitar sob a tremulina do tórrido calor, o negrume do castelo como jacto de fumo a elevar-se dentre as chamas do brazião.

O espaldão da Carreira de tiro é neste momento o objectivo hélico de atacantes e atacados. Precisamente neste momento, a fuzilaria estralando em descargas cerradas, o canhão despejando metralha sobre a vila alarmada e sobre as linhas fieis, o contramestre de clarins de cavalaria 6, António de Azevedo, a pé, destacando da unidade comandada pelo alferes Fernando Adão, avança direito às linhas de fogo e acomete o espaldão pela vertente leste. A brusca acometida galvaniza meia dúzia de homens, o sargento

AS INCURSÕES MONARQUICAS

O combate de Chaves entre realistas e republicanos

Porfírio da Silva, cinco, seis soldados, que o seguem de perto.

O contramestre trepa a vertente à vanguarda dos camaradas. Encontra ao alto, no abrigo da crista oeste, o grupo rebelde do sargento José Rebelo. Faz fogo sobre o grupo — que na sua maioria tremalha, sob o imprevisito do assalto, moando de escantilhão pela vertente norte.

O sargento Rebelo e cinco companheiros firmes, levantando-se de chofre, apontam as espingardas. O clarim arranca contra eles, ataca os à coronhada. Os camaradas adiantam-se em seu

conde de Mangualde, ataca o flanco direito do espaldão, pelo caminho de S.ª Cruz. O grupo do alferes Rodrigues Braz estabelece-se num cercado de pinhal e ataca das bandas de Outeiro São. E a ala dos cadetes, Eduardo Maia, D. José Paulo da Câmara, António Eça de Queirós, Pita e Castro, comandada pelo alferes D. Pedro de Lencastre, avança ao centro, a descoberto primeiro, há muito escudada nos pedregulhos e barrancos circunvizinhos.

O capitão Barreira, à frente dos seus homens no cimo do môro conquistado, tomba ferido



A entrada do Tamega em Chaves

por uma bala. O tenente Soares, abrigado perto da quinta do Rolo, retira da posição em que se entrencheara. A batalha recrudescer. Pela primeira vez, acertado o tiro, duas granadas rebentam mesmo na crista do espaldão — abatendo duas praças, lambudasas de poeira e sangue. O pelotão do tenente Macedo, que passou a ser comandado pelo tenente Moraes, é impellido das linhas de Telhado pelas rajadas de projecteis enfiados através do caminho da Abobleira. E as forças fieis tomam-se de pânico, recuando da quinta do Rolo e das cercanias do Telhado abandonando o espaldão da Carreira de tiro, simultaneamente recuperado pelas forças realistas, que bramam, na proclamação da superioridade e do triunfo:

— Viva a Monarquia! Viva el-rei D. Manuel! E todos os que avançam, e todos os que recuam, enfarruscados na poeira, oleosos de suor, os olhos em braza, as maxillas contraídas, sorvem com avidéz as hagas salgadas que lhes pingam nos beiços tismados pelo calor.

Paiva Couceiro, calmo na cota donde comanda o ataque, o abade de Ermezim a fazer fogo a seu lado, mais abaixo o P.ª Avelino de Andrade, ordena o toque de assalto geral. Manso Preto Cruz, à direita de Paiva Couceiro, levanta mais alto o estandarte da realza, insígnia do Quartel General. Os alferes Fiel Barbosa e Ferreira Caio, este

entre os seus ajudantes Luís de Almeida Braga e Domingos Vital, os aspirantes Costa Alemão de Azevedo e Calainho de Azevedo, ambos da ala dos cadetes, lançam-se ao assalto, afrontam o inimigo. O corpo de saúde, Alexandre de Alouquerque a atoutar os menos animosos, levanta os feridos e condu-os à ambulancia. E o gróss da coluna forma em cunha na arremetida contra a entrada da praça — as arestas cimeiras apoiadas no caminho da Abobleira e no pinhal de S.ª Cruz, a flecha da ponta forçando a resistencia sobre a entrada para o lance final, os canhões a atestarem a cunha com estrondosas marretadas.

Está perto o meio dia. O fogo que se derrama do sol torna-se mais inimigo do que o fogo despejado pelas espingardas.

Mas oficiais e civis fieis à República invectivam os recrutats tranzidos de terror. E incitando-os a baterem-se até final, e clamando-lhes o regresso proximo da artilharia e metralhadoras — pois um estafeta partira de automóvel, há muito, a convocá-las ao combate — conseguem reorganisar as linhas de defesa.

Por sua vez, o tenente coronel Ribeiro de Carvalho destaca para os postos de comando

aparece nas linhas de combate, a coxear, à hora grave do desalento. Levantando o ânimo aos amedrontados, reconduz uma companhia aos postos desgüarnecidos. E esta companhia, logo engrossada pelo grupo dos tenentes Carvalho e Teixeira, ataca de surpresa os realistas do lado oeste do espaldão.

Assim, quasi instantaneamente, a cunha da coluna de a salto começa a moderar o avanço por efeito da resistencia oposta pelos bordos da fenda rasgada à força, que se contraindo sobre as arestas de penetração, espirando fogo — fogo nutrido, fogo certo, fogo mortífero. A massa em movimento mantém-se na marcha, firma-se no solo, por último estremece, recua — o solo regado pelo sangue dos mortos e feridos, o sangue de D. Pedro Vila Franca, Guerreiro de Sousa, D. Pedro da Câmara, sargento Faustino, António Moreira, José de Castro. Os bordos da fenda, que continuam a contrair-se, a apertar, igualmente sob o chuveiro das balas, tingem-se do sangue do capitão Tito de Oliveira, do tenente Pinto Tavares, do alferes Carvalho, e de sargentos, cabos, soldados.

O nucleo das forças regulares que se firmou à ilharga do espaldão, é obrigado a fraccionar-se — destacando um grupo de atiradores para a estrada de Outeiro São, no fito de obter ao avanço da coluna Sousa Dias, que das alturas de Sant Ana, onde arvorara a bandeira azul e branca, procura operar a ligação com a coluna Paiva Couceiro.

E o grupo de atiradores militares e civis — os civis chefiados por António Granjo, os militares comandados pelo alferes Avelar — ataca de frente a coluna Sousa Dias.

Já o comando em chefe ordena a retirada por escalões, na mesma directris do avanço, quando a artilharia da coluna Fonseca Antunes, tomando posições no cimo do Monte da Fôrca, manda quatro granadas com enderço aos realistas — mais salvas celebrando a vitória, do que projecteis alvejando o inimigo.

A retirada executa-se pela direita, pela esquerda, muitas das unidades vencidas arrastando-se ao acaso, derreadas de calor e fadiga, alheias à voz que ordenara a marcha por escalões na directris do avanço — as nuvens de pó, os reverberos da tremulina, as descargas dos fuzis, marcando o passo lento dos grupos, dos pelotões, das companhias.

A peça do conde de Mangualde fica-se encaçada no solo. Em vão D. Rui da Câmara, Francisco Quintela e António Meireles, num último arranco, procuram resgatá-la. As forças fieis, com a rubrica de novas descargas, autenticam a posse do canhão — e não seguem e perseguem na debandada as colunas realistas, por falta de tropas frescas capazes de suportar a marcha forçada sob a labareda e a cinza do sol.

Soldados e civis reentram na vila de Chaves aos vivas à Pátria e à República — aclamando herói o pequeno Ferreira Pinto.

E enquanto patrulhas e magueiros transportam do campo da refrega, com os prisioneiros, os mortos e feridos das duas facções em luta, a população civil, no desafoço das angústias e sobressaltos de oito horas infernais de combate, sai à rua a admirar e a aclamar os vencedores, a visitar e a contar os despojos da vitória — a peça do conde de Mangualde, uma bandeira azul e branca, espingardas, munições, viveres, bagagens.

Sousa Costa.

(Fotos de Mário de Sousa Costa)

DIGAMOS já de entrada, e muito francamente, como se deve dizer sempre a verdade, que em Portugal, como aliás em quasi tôdas as nações do sul da Europa, não existe o espírito da economia. Pela mesma razão que esbanjam os seus sentimentos amorosos é que os meridionais não sabem poupar o dinheiro.

Aquecidos por um sol admirável, deslumbrados pelo azul claríssimo do espaço infinito, a vida vê-na êles constantemente por um prisma encantador, irisado de variegados tons, e nunca o porvir se lhes antolha negro e difícil.

Demais, trazendo no sangue o filtro de tôdos os entusiasmos e de tôdas as loucuras, quem vai dar-se ao trabalho de ter juizo? Se êle custa tanto a prender a fantasia...

E, se a vida são dois dias, de que serve uma pessoa ralar-se? Hoje... hoje é que é gosar, que amanhã quem sabe se viveremos ainda...

Êste é o bordão a que tôdos se apegam por essas santas terrinhas que o sol, o bendito criador de energias, encharca de luz, essa luz, que deslumbra e nos esconde o dúbido horizonte do nosso futuro. Por isso, quando alguém trata de aferrolhar uns cobres, para o que ha-de vir, chamam-lhe avarento, unhas de fome e mais coisas feias.

Excepções há sempre, e sempre aparecem criaturas que não se deixam enganar pelas illusórias promessas da sua hora presente, e olham para mais além.

Sabem que hão-de ser velhos — que ninguém pode prever onde a sua vida tem o ponto final — que as forças faltarão um dia, e então toca a pôr de lado o mais que podem para êsses tempos difíceis que se avizinham, talvez mais depressa do que se julga.

Não, que com amigos não se conta, e mal vai àquêles que da caridade de um amigo tenham que depender ainda...

Felizmente para êles, êsses que estão dentro da boa lógica não se ralam que os alcunhem de sovinas, e o mais que lhes dêr na gana.

E trabalham e vivem com termos, sem gastos inúteis, e ao canto da gaveta, a quantia sobe, e vai daí a pouco subir mais para o cofre de um Banco.

Assim se consegue juntar, às vezes, uma grande fortuna, se a persistência no poupar não enfraquecer.

— Pois sim, mas se o dinheiro nem chega para o que é preciso, como haremos de amealhar? — Dirão alguns.

Há sempre meio de subtrair qualquer coisa nas necessidades usuais, muitas das quais a nossa imaginação inventa.

Mas é preciso que êsse espírito de ecónomia nos seja injectado logo que começamos a viver por nós próprios.

Vamos buscar os exemplos que nos dão os povos do Norte, que sob o ponto de vista da ordem, da previdência e das virtudes cívicas estão indicados para modelo. Nalguns desses países, pelo menos naqueles que eu conheço, a ecónomia é ensinada às crianças, logo que estão em idade de frequentar a escola.

Porque é na escola que lhes ensinam



Os portugueses não sabem poupar

a olhar para o dia de amanhã, sem lentes deformadoras-optimistas.

Logo que se matriculam na primeira classe das escolas-comunais, é-lhes fornecida uma caderneta da Caixa Económica, onde os pais têm de assentar todas as semanas, uma soma com um mínimo estabelecido.

Deste modo, habituam-se os miudos de pequeninos a cuidar do futuro.

E assim de geração em geração, o hábito de economisar vai-se inveterando de tal forma, que já faz parte integrante da vida dessa gente e tornou-se para ela uma espécie de vício a que se não pode fugir.

Por cá, o mais que as nossas crianças fazem, e não é vulgar, é arranjar um mealheiro e deitar-lhe para dentro algumas moedas roubadas ás guloseimas.

Mas o mealheiro abre-se facilmente ou faz-se em cácos com um sôco, e lá se vai tudo por água baixo.

Depois, recomeça a guardar, torna a gastar, e não se passa disto.

A caderneta lá de fóra é o melhor, está mais segura, e é uma obrigação dos pais. Porque não se faz isso entre nós? Porque não se obrigam as crianças, que frequentam as escolas officiais a ter uma caderneta do Monte Pio ou da Caixa Geral dos Depósitos?

Não me parece que haja pai que se negue a garantir o futuro de um filho, com um pequeno dispendio semanal, que êle pôde, quando outros recursos não tenha, escamotear no seu tabaco ou nos

seus copitos de vinhos, bebidos aqui e ali. E as mãs podem auxiliar tambem, correndo tambem na sua garridice.

Se os pais que assim procederem não conseguirem, para seus filhos, a riqueza que os torne independentes, podem, contudo, obter que essas crianças chegadas á sua hora de contraír matrimonio e de encarar a vida a sério, encontrem uma ajuda de custo, que não é para desprezar. A guerra ensinou muita coisa, em que nunca se tinha pensado, ás populações que dela foram vítimas, e que viram de perto os seus horrores.

O que antes do terrível flagelo se deitava fóra, tudo se aproveitava, então.

Quasi que se disputava aos animais a sua parte no retabulo.

E êsse estado angustioso durou bastante tempo para que o costume de aproveitar criasse raizes.

Os que viram a guerra de longe, por intermedio do relato dos jornais, não foram tão sacrificados.

Mas, pelo seu reflexo, alguma coisa lhes chegou tambem á sua porta.

As dôres todas esquecem, quando passam, e êsse é por cá o grande mal.

E' preciso pensar no que foi máu, para que não volte mais.

O presente não é ainda de serenar os ânimos, e quem sabe os solavancos que nos esperam ainda?

E' cuidar de guardar, para o tempo que está para vir, alguma coisa do que hoje temos.

Quem vai já descendo a ladeira da vida, e não tem encargos, pode dêr-se ao luxo de deixar-se escorregar, sem preocupações.

Mas as crianças, que ainda há pouco chegaram e que tanto caminho têm para andar, essas, devemos ensiná-las a serem sóbrias e económicas, porque as esperam mais espinhos do que rosas no seu caminho. E agora, justamente, que no mundo cada vez há mais ciladas e armadilhas, hábilmente disfarçadas, à espreita do transeúnte distraído e confiado, urge preveni-las e armá-las, contra os assaltos da má sorte. A economia, seja embora em pequenas doses, é uma fonte de prosperidade para todos os países.

"Grão, a grão, enche a galinha o parrão", diz o ditado.

"Tostão, a tostão, pode fazer-se um fortunão", começando cêdo e sem desfalcimentos.

E é de pequenino que os hábitos se tomam. Os grandes atletas, os ginastas que se desengonçam, os bailarinos que fazem prodígios de agilidade, foi muito meninos que começaram exercitando-se, para chegarem a esta maravilhosa forma que nos surpreende agora. Pois com a economia sucede exactamente o mesmo.

Começa-se cêdo, guarda-se o que se puder, e o montinho vai crescendo... crescendo... até chegar a parecer um milagre, como aquilo que se fez.

Educar a vontade é tudo. O resto vem por si.

Mercedes Blasco.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO



Aspecto da chegada à estação do Estoril, pelo «sud-express» dos delegados estrangeiros ao Congresso de Turismo, onde eram esperados pelos seus colegas portugueses



Mesa de honra do almoço oferecido pelo Conselho Nacional de Turismo, no Casino-Estoril, aos delegados do Congresso. Presidiu o sr. dr. Francisco Antonio Correia



Os membros do Congresso Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo na Camara Municipal de Lisboa, onde foram recebidos pelo sr. ministro do interior



No grupo II, da cadeia do Limoeiro, manifestou-se um incêndio, provocado pela explosão dum maçarico. O fogo, que foi prontamente atacado, não se pelos bombeiros, como pelos presos, devorou uma parte do telhado da ala velha do edifício.

Mais uma vez o fogo pegou no Limoeiro. De novo as chamas crepitaram, destruidoras, sobre o palácio trágico que hoje serve de prisão e onde a inocência e o crime se confundem na mesma sombra venenosa.

Assim se confirma e continua a fatalidade que parece pesar sobre esse casarão ennegrecido desde os tempos recuados da sua fundação.

Publicamos a seguir uma crônica do nosso brilhante camarada Belo Redondo, a que o incêndio agora ocorrido vem dar toda a oportunidade. Belo Redondo não carece de apresentações, pois o seu nome é largamente conhecido como o dum dos mais hábeis reporteres e dos mais brilhantes prosadores do jornalismo contemporâneo. A sua crônica evoca em cores vividas, com intenso poder de descrição, todo o trágico pitoresco de edifício maldito.

O pesado casarão do Limoeiro foi erguido, sob um signo fatalista, há cerca de 600 anos, por D. Fernando. Ninguém encontrou ali a felicidade. Paço de Reis e paço de Infantes, criado para tôdas as magnificências, foi teatro de torpezas e de misérias que enoçaram a História.

Desde há muitos anos que a dôr ronda o silêncio das suas salas escuras. Refúgio dos amores de D. Fernando e de Leonor Teles, ouviu o clamor odioso da população, e recolheu as lágrimas da Rainha, quando o Rei formoso ali fechou os olhos para sempre.

O acto do Mestre de Aviz, apunhalando o conde de Andeiro, acentuou o estigma de maldição que pesava sobre o edifício. Nunca mais lá brilharam os ouropéis da Corte, e eram como fantasmas as sombras dos reis que ali residiram. As suas paredes frias ouviram ainda as lamentações de D. Duarte, o monarca que sacrificara o irmão ao seu dever de patriota. E foi

D. João II, o Perfeito, quem compreendeu que o palácio maldito só era bem aplicado a cadeia. É, assim, feita de desventuras e de lágrimas, a história do Limoeiro.

A parte do edifício que ardeu em 1918, quando o Manuel Galego tentava uma evasão, está agora a ser reconstruída, mercê dos bons esforços de Luna de Oliveira. Entretanto, na parte velha, empilhados como mercadoria inútil, acumulam-se 459 presos, muitos dos quais têm de dormir nas retretes, por falta de acomodações. O Limoeiro é uma prisão preventiva e muitos dos encarcerados estão inocentes, aguardando ali que os tribunais os reabilitem e os restituam à vida.

Mas os dias passam, todos iguais. A indiferença dos de cá de fóra não se perturba com a angústia dos que estão lá dentro. E, enquanto não chega a sentença salvadora, os inocentes vão deixando por ali, naquela promiscuidade perigosa, os últimos escrúpulos de moral e os derradeiros sintomas de saúde. Dentro de um ano estarão concluídas as obras, e, na parte nova, poderão ser internados 300 presos; mas será preciso, depois, reconstruir a parte velha, e continuará, por muito

SOB UM SIGNO

O Limoeiro, foi mais uma vez

tempo, a ser aplicada aos reclusos preventivos aquela pena injusta de viverem como animais, se não se desorganizar a cadeia por meio das colónias de Sintra e Alcoentre.

O Limoeiro é a prisão onde só se mandria. Tratando-se de presos ainda não condenados, apenas trabalham os que querem. E são poucos. A êsse a direcção da cadeia dá, inteligentemente, todas as facilidades para angariarem alguns vintens.

Mas, averiguado que a ociosidade é o mais perigoso gestor do crime, não será de aceitar que se torne obrigatório o regime de trabalho para todos os reclusos, qualquer que seja a sua situação?

Os modernos princípios da criminologia impõem a divisão dos delinquentes, pelo menos, por idades e por crimes. No Limoeiro, por exiguidade de acomodações, êles estão apenas divididos em ricos e pobres. As desigualdades sociais até na desventura se fazem sentir... Só importa, ali, a condição de fortuna de cada um. No demais, os gatunos estão confundidos com os homicidas, os reincidentes com os simples suspeitos, os novos com os velhos. É muito lenta, entre nós, a acção de Justiça. E, naquele ambiente deletério, sujeitos aos piores contágios, enquanto esperam a decisão dos juizes, os delinquentes profissionais refinam nos seus processos de crime e os ocasionais instruem-se e perdem-se definitivamente. O Limoeiro é, entre nós, a mais perfeita escola do crime.

Os ricos são os dos grupos, os que pagam entre 60 e 22 escudos por mês. Vivem aos quatro em cada dependência, têm cantina e biblioteca, dormem, em camas separadas, nos altos do edifício e fruem o panorama encantador da cidade e do Tejo. A disciplina entre êles é mantida por um fiscal e um capataz, escolhidos entre os reclusos mais prestigiosos, e têm direito a aposentos especiais.

Os pobres são os da enxovia, os que não têm dinheiro, o rebutalho da desgraça e do crime. Dormem em bailliques sobrepostos, numa sala escura, cujas janelas dão para o pátio. Longe da luz e da alegria, chegam até lá apenas os pre-

DE FATALIDADE...

casa maldita pasto das chamas

gões cantantes da rua, promessas da liberdade que os muros da cadeia escondem e que os vultos das sentinelas guardam.

Passéi no casarão em visita, com o chefe sr. Bispo. Os presos formavam em derredôr. Algumas figuras célebres do crime ao lado de alguns tímidos anónimos, Ombro a ombro, o inocente e o culpado, o suspeito e o criminoso confesso. Na parede abobadada, uma eleografia alusiva à viagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho: a glória sorrindo à desgraça.

Ali estava Joaquim Pinto, o Bólinhas, o homem que praticou o duplo crime da rua Vinte de Abril, matando, à machadada, o guarda duma oficina e a mulher, quando dormiam. E, com êle, alguns criminosos acusados de andarem descalços nas ruas e de venderem limões, sem estarem munidos de licença...

Para quem entenda mais os ditames do coração do que as leis, parece que não deviam conservar-se ali tais delinquentes. Os pobres honrados que se dedicam ao pequeno comércio nas ruas deveriam ser livres em seu negócio; os descalços deveriam ter calçado da Assistência Pública. E, a terem de sofrer castigo, o seu processo deveria ser sumário, poderia ser julgado no Tribunal do Torel.

Mas não sucede assim. A Polícia manda-os para o Limoeiro. E lá aguardam, durante mezes, o julgamento da Boa-Hora. Entram honrados, culposos de simples infracções das posturas municipais, e saem prevertidos, enleados já nas malhas do Código Penal. É verdade, senhores, que vivemos numa sociedade civilizada, que tem o progresso por timbre e a virtude por lema?

Naquele casarão há um homem que lá vive há 35 anos e guarda, do seu longo contacto com o crime, um nobre espírito de tolerância e de bondade. É o sr. Noqueira, oficial da secretaria e informador dos jornais. Ganha 628\$00 por mês, para estar preso.

Para êle, todos os reclusos são infelizes, todos são dignos de dô. E explica:

— No meu tempo só houve aqui um homem mau: o famoso Manuelinho. No quarto dos sapateiros, por uma questão qualquer, assassinou à facada o Laranja, seu companheiro, e bebeu-lhe o sangue. Foi o piór de quantos passaram por aqui.

Das grades da cadeia, as coisas belas da vida têm uma sedução maior. A ideia da liberdade acicada os espíritos e põe em tumulto um mundo tormentoso de saudades. E o quadro, no fundo negro que a sombra do Código retoca, é sempre igual: o último beijo dado antes da chegada da Polícia, a promessa infelizmente não cumprida — *Vou ali, à esquadra, e já volto...* —, o perfil da sofredora mulher que lá ficou com um filho nos braços e — cruel angústia do ciúme! — talvez com outro homem no pensamento... Depois que se entra, trocado o nome pelo número do registo, acode a lembrança dos amigos fieis, dos amigos que, possivelmente, terão vergonha de vir à visita e esquecerão o réprobo que os compromete e que não soube ou não pôde ser honrado. Quanto mais os dias decorrem, tanto mais estreito parece o quadrado da prisão, os passos são sempre iguais e o sol mal entremostra a sua espátula de ouro por entre os ferros que o querem algar. O ruído musical dos pregões e no serpentear atarefado das gentes, para lá das paredes inabaláveis do grupo, sobe em triunfo, trazendo, no seu irónico

clamor de vitória, a tentação da liberdade que se perdeu...

Ivan Munu é a figura mais interessante da cadeia. É natural da Roménia e sua mãe chama-se Maria. Era tripulante dum barco, cujo comandante o abandonou no nosso porto. Preso como vadio, Ivan entrou no Limoeiro em 1917. Durante muitos anos recusou falar, furtou-se a explicar o seu passado e a esclarecer a sua identidade. Procuraram comovê-lo, recorrendo a todos os truques; Ivan guardava um mutismo desesperador. E, como não era possível identificá-lo, não podia ser posto na fronteira, reconduzido ao seu país.

Houve quem lhe facilitasse a fuga. Mas Ivan, com alimentação e moradia asseguradas na cadeia, desprezou a liberdade. Oito anos depois, o director da prisão conseguiu que o Procurador da República o mandasse soltar. E quando, cheio de alegria, o chamou, para lhe dar a boa nova, ouviu falar pela primeira vez o romeno:

— Muito obrigado, mas não são. Já sou português e quero ficar aqui.

— Mas não pode ser! Isso é contra a lei. Tu és já um homem livre...

Não houve razões que o demovessem. Ivan teimou em ficar no Limoeiro. E, como não podia continuar na qualidade de preso, passou à de empregado. Lá se conserva ainda. É moço de cozinha e ganha dois escudos por dia. Parece ser feliz. A liberdade não vale para êle o pão que come e o leito em que repousa...

Belo Redondo.



Os bombeiros, acompanhados de alguns reclusos, procedem ao rescaldo, empoleirado no velho madeiramento do casarão tão antigo que ainda hoje serve de cadeia.

Assim se dirigia aos seus pequenos alunos um diligente professor:

— Meninos! Vou entretê-los alguns momentos, falando-lhes de um dos mais admiráveis, de um dos mais importantes órgãos que existe no mundo. O que é que bate, que palpita, que dá pancadas, sem parar nunca, quer a gente esteja acordado, quer esteja dormindo, de noite e de dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, sem nenhum esforço de vontade da nossa parte, escondido numa profundidade, onde não vemos, batendo, batendo, batendo ritmicamente no decurso da nossa vida toda?...

Durante uma pequena pausa, intencionalmente calculada pelo professor, para efeito contrário, ouviu-se uma vozinha aguda, exclamando:

— Já sei o que é! É o contador da água!...

Na cidade sueca de Hafanger, foi estabelecida uma contribuição sobre todas as pessoas gordas, cujo peso exceda 75 kilogramas.

Antes da sua exaltação ao Sólido Pontifício Xisto V andava curvado pelas ruas de Roma. Mas, logo que foi eleito Papa, começou a andar desempenado e direito.

Tendo-lhe alguém perguntado a razão disso, respondeu:

— Quando eu era apenas cardeal, procurava as chaves do paraíso, e inclinava-me para as apanhar; agora que já as tenho, o meu dever é olhar para o Céu.

Segundo um estatístico francês, um homem de cinqüenta anos tem dormido, em termo médio, 6.000 dias; trabalhado, 6.500; andado, 800; comido, 1.500; tem-se divertido, 4.000; tem estado doente, 500, etc.

Nos referidos 50 anos, uma pessoa come 8.000 quilos de pão, 7.000 de carne, 2.000 de vegetais, ovos e peixe, e bebe 30.000 litros de líquido, entre água, cerveja, chá, café, vinho, etc.

— É verdade, Imaginaram que eu estivesse envenenado e chamaram logo um médico, que trouxe um aparelho para me lavar o estômago.

— E tirou-lhe alguma coisa?

— Tirou-me; cinqüenta mil réis, que me levou pela operação.

A mulher é o defeito mais belo da natureza.

Milton

O príncipe de Conti, que além de ser muito feio era pouco esperto, despediu-se uma vez de sua mulher, para empreender uma viagem. Recomendou-lhe... fidelidade.

Ela, que era virtuosa, ofendeu-se com a recomendação e disse-lhe:

— Pode ir socegado... Eu não tenho essas idéas senão quando o vejo.

— Para que é esse cadinho de barbante, que tens enrolado no dedo?

— Eu te digo. Foi minha mulher que o enrolou

SORRISOS E FRIVOLIDADES

aqui para eu me não esquecer, antes de ir para casa, de pôr uma carta dela no correio.

— E puzeste-a?

— Não. Ela esqueceu-se de m'a dar...

O pai (que ajudou o filho a fazer o tema latino):
— Então, que te disse o professor, quando lhe mostraste o tema?

O filho: — Disse-me que eu estava, dia para dia, cada vez mais estúpido.

Tio: — Apesar de seres filho de meu irmão, vejo-me obrigado a despedir-te. O que me faz pena é o desgosto que isto vai dar a tua mãe!

Sobrinho: — Ah! não lhe dê cuidado, tio! Minha mãe tem-se cansado de me repetir que já está admirada de eu ter atuado o tio tanto tempo!

A senhora senta-se ao piano para cantar e o marido sai imediatamente para a varanda.

— Ó homem! porque vais para a varanda quando eu começo a cantar?

— Minha filha, é para que, quando te ouvirem gritar, os vizinhos vejam bem que a culpa não é minha.

Para um retórico. — O amor é uma figura por meio da qual dizemos umas vezes o que não sentimos e sentimos outras o que não dizemos.

Para um farmacêutico. — O amor é uma pílula muito amarga, adoçada por fóra para que não repugne ao paladar.

Para um acrobata. — O amor é um salto mortal.

Para um dentista. — O amor é uma espécie de dente que se não pode arrancar sem dor.

Para um sapateiro. — O amor é uma bota que só quem a calça é que sabe onde lhe aperta.

Para um químico. — O amor é um precipitado de alucinações e de cegueiras.

Para um prestidigitador. — O amor é uma camoteação da verdade.

Para um advogado. — O amor é o pleito da vida.

Um sábio italiano deu-se ao trabalho de perguntar a noventa e cinco senhoras, suas compatriotas, que estavam para casar, porque era que... se casavam! Como a pergunta era toda científica, o curioso sábio fazia-a de modo que

as noivas não se zangassem, antes respondessem com exatidão. Assim, do seu inquérito, recolheu o seguinte:

Cinco responderam — para podermos sair sós; dez — para irmos aos bailes e aos teatros; sete — para viajarmos; sessenta e uma — para termos a nossa casa e... podermos fazer o que quisermos; três — para sabermos

o que é casar; quatro — para acautelarmos o futuro; e cinco — para nos divertirmos.

Nem uma só falou em amor, o que levou o filósofo a concluir que a mulher moderna não forma do casamento a mais pequena ideia... Casasse... para se casar. Isto é na Itália. Por cá as nossas leitoras que respondam...

— Domingos, você não limpou a minha cómoda esta manhã!...

Domingos, com um sorriso de dó:

— O patrão devia perceber que esse pó não é de hoje... Basta olhar para a espessura dele...

O homem que nos faz vêr as nossas próprias faltas é um amigo; mas temos tanta vontade de o correr a pontapés como se fôsse o contrário disso.

É necessário ter negócios com um homem e amor com uma mulher para os conhecer perfeitamente.

Antes do casamento: *êle* fala, *ela* ouve.

Seis meses depois do casamento: *ela* fala, *êle* ouve.

Dez anos depois do casamento: *ambos* falam ao mesmo tempo, *os vizinhos* ouvem.

A um indivíduo que foi ao tribunal para ser julgado como vadio, perguntou-lhe o juiz:

— De modo que você não faz nada?

— Faço, sim, senhor: faço de cego.

O homem esperto é pródigo em promessas; o homem ignorante é dado a fiar-se nelas.

Suzana: — Ó minha querida Júlia! Há mais de três anos que nos não vimos, e tu me reconheste logo! Não estou muito mudada não?

Júlia: — De cara estás um pouco. Mas eu te reconheci... pelo chapéu.

Os homens preferem o seu prazer à sua felicidade; e as mulheres, a moda.

Na Suíça, as mulheres e os homens encarregados de ordenhar as vacas recebem mais salário quando têm boa voz, porque se descobriu que as vacas dão mais um quinto de leite quando, enquanto as ordenham, estão ouvindo alguma melodia agradável.

Oração de um jogador, em frente do pano verde:

— Fazei, meu Deus, com que a sorte me seja favorável... não por mim, miserável pecador, indigno de vossa imensa bondade, mas pelos meus credores que têm mulher e filhos, e que tanta precisão têm de alguma coisa por conta!...



POR iniciativa da Federação Portuguesa de Foot-ball reuniram-se na sua sede tódas as entidades dirigentes do desporto nacional, para estudar a forma de elaborar uma representação ao Governô no sentido da construção em Lisboa de um Estádio Nacional. O interêsse dêste problema merece realmente ser ponderado e a *Ilustração* já por mais de uma vez dêle se tem ocupado com largueza; não nos é possível, portanto, deixar sem referência esta tentativa que se apresenta nas melhores condições de êxito, se os seus promotores a souberem encaminhar convenientemente.

A gente do desporto não pode contar com grandes rasgos oficiais de generosidade ou simpatia; até agora, o Estado apenas tem conhecido o desporto para sacar dinheiro das suas organizações, como o comprova eloqüentemente o novo decreto sôbre impostos nos espectáculos públicos. Mas é também exacto que ninguém até à data se preocupou em levar aos ouvidos dos Poderes Governativos, as justas reclamações e a exposição da obra e das dificuldades do desporto.

Teremos muito em breve, com a realização do Congresso de Clubes Desportivos da iniciativa do nosso activo colega *Os Sports*, uma excelente oportunidade para esclarecer devidamente o assunto, assentar no caminho a seguir, definir posições relativas e entregar então, de forma significativa, ao Presidente do Ministério um documento redigido com verdade e desassombro e expondo o que queremos e porque o queremos, interpretando as aspirações dos cem mil portugueses que praticam o desporto.

Nenhuma outra ocasião pode ser mais propícia para solicitar o Estádio Nacional a que Lisboa tem



A QUINZENA DESPORTIVA

direito, para que possa afirmar que é uma cidade moderna; e em vez de nomear uma comissão com meia dúzia de dirigentes de «frack» e chapéu alto, possivelmente já barrigudos e gotosos, para conduzir a seu destino essa importante mensagem, organize-se uma imponente parada atlética, cortejo de alguns milhares de homens em plena mocidade física que reforçariam o valor dos argumentos teóricos insertos na representação, com o testemunho vivo do seu vigor másculo, do seu garbo, da sua energia de soldados da paz que aprenderam a elevar a Pátria nas competições educativas do exercício ao ar livre.

A disputa da Taça Davis, verdadeiro campeonato internacional de *tennis*, é, de tódas as competições regulares conhecidas, aquela que maior número de paí-

ses concorrentes reúne.

Pertença dos Estados - Unidos desde os anos que se seguiram ao liquidar da guerra, foi em 1929 conquistada pela França, que desde então a conserva em seu poder, a-pesar-dos sucessivos assaltos de ingleses, americanos,

japoneses, etc. O torneio dêste ano, que reuniu 35 inscrições, vai já bastante adiantado, conservando um entusiasmo que prova o crescente interêsse que a competição provoca em todo o mundo.

Numa das primeiras eliminatórias defrontaram-se em Barcelona, os representantes da Espanha e da Inglaterra; como era de prever estes últimos ganharam facilmente por quatro vitórias a uma, mercê da superioridade dos conhecidos campeões Perry e Austin.

O encontro não passaria da vulgaridade se não fôra um acontecimento que provocou certa estranheza no meio essencialmente tradicionalista dos apreciadores de *tennis*.

Austin apresentou-se a jogar de calções, rompendo com um velho hábito, considerado intangível! Desde a época remota da sua fundação, nunca um jogador participara de qualquer partida na Taça Davis, sem que se apresentasse com a impecável calça branca que é uma espécie do fardamento do tenista. Pois Austin quebrou a tradição em proveito da liberdade de movimentos indispensável à feição atlética do *tennis* moderno e, como ganhou os seus encontros e é um rapaz simpático, é provável que encontre prontamente bastos imitadores.

A época de foot-ball, que entre nós ainda vai a meio caminho, terminou já em alguns países, encerrando a sua actividade com o jôgo máximo, apurados os finalistas da competição nacional.

Em Londres,



EM CIMA — A primeira categoria do «Sport Lisboa e Benfica», vencedora do campeonato de Lisboa de foot-ball
EM BAIXO — A final do campeonato regional de «foot-ball» foi disputada pelo «Benfica» e pelo «Belenenses», com uma energia de que a nossa gravura é testemunho

Everton ganhou a Taça de Inglaterra perante 92.000 espectadores; em Paris, o Excelsior de Roubaix conquistou a Taça de França, na presença de 48.000 pessoas. Estas multidões, que são difíceis de figurar a um espírito português, traduzem bem a enorme popularidade universal do jogo da bola redonda e fazem-nos ponderar a importância do valor de propaganda que deve revestir o campeonato do mundo a disputar no ano próximo, em Roma.

À prova está reservado um êxito estrondoso, e o número de nações inscritas é tão considerável que levou os altos dirigentes da Federação Internacional a prever a conveniência de encontros eliminatórios que reduzam o número dos presentes na competição de Itália. As últimas informações indicam-nos como mais provável hipótese solucionatória a realização de um certo número de jogos em que seriam opostas as nações geograficamente mais próximas e dos quais resultaria afastada a vencida.

Esta simples indicação faz-nos compreender como o problema é para nós importante, visto que o nosso país se inscreveu no campeonato e terá que galgar provavelmente o difícil obstáculo da Espanha, se quiser figurar entre os participantes de Roma. Apresentada desta maneira a nossa situação em face do campeonato mundial não é muito lisonjeira, mas parece-nos que o facto não deve impedir, antes pelo contrário, uma preparação cuidadosa do onze nacional, subordinando a essa finalidade todos os esforços da época futura. Não se imagine que êste critério é inédito e representa um exagero de precauções da nossa parte, pois a própria Espanha o discute igualmente, defendendo-se na imprensa o princípio da conveniência de sacrificar a disputa das provas internas ao interesse soberano da valorização da representação internacional.

Não devemos esquecer que um grupo de football não é um simples aglomerado de onze unidades, por mais brilhantes



Austin, campeão inglês de «tennis», lançou a moda de jogar com calções

tes que elas sejam, mas sim um bloco solidamente ligado pelo conhecimento mútuo dos seus componentes e pela frequência da acção comum. Para constituir uma forte equipe nacional é por conseguinte indispensável proporcionar-lhe ocasiões repetidas de trabalho, para alcançar unidade e entendimento, e cuidar separadamente da cultura física e do treino de cada um dos seus componentes de forma a levá-lo no momento próprio ao ótimo da sua forma.

Querirão as entidades dirigentes e os clubes sacrificar um pouco os seus in-

teresses ao interesse nacional? Esta é a dúvida que fica em aberto e de cuja decisão dependeria por certo o êxito da participação nacional no campeonato do mundo de 1934, que deveríamos procurar digna das tradições gloriosas do grupo olímpico de Amsterdão.

Terminou finalmente o campeonato de Lisboa de foot-ball, com a vitória justa do popular Sport Lisboa e Benfica, o clube de mais brilhantes tradições na prova e que há treze anos não conseguia o ambicionado triunfo.

Do torneio dêste ano devemos conservar como ensinamento para o futuro, o embaraço encontrado para sua conclusão, resultado do excessivo arrastamento da prova em constantes interrupções, e também do exagerado número de clubes admitidos à sua disputa.

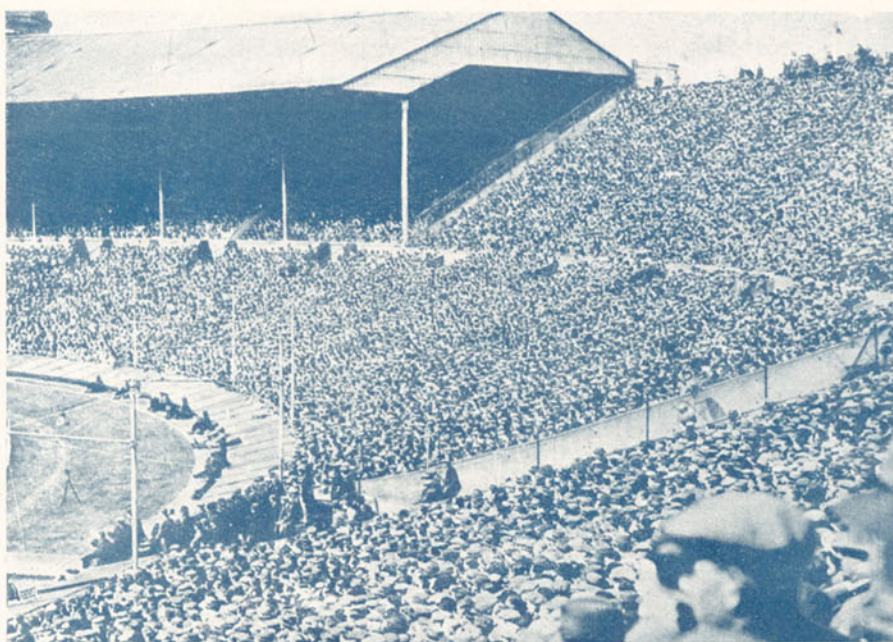
Da jornada derradeira fica-nos também a impressionante visão de quanto é popular entre nós, o jogo da bola redonda. Apesar de ser um dia de semana, o Estádio apresentava o aspecto imponente das grandes tardes de animação desportiva, completamente cheio por uma multidão entusiástica mas sempre correcta nas suas manifestações.

Os dois grupos contendores, Benfica e Belenenses, lutaram energicamente pela vitória, mais os vermelhos e por isso alcançaram. No entanto, uns e outros são dignos de sinceras felicitações pela conducta sempre correcta que mantiveram em tôdas as emergências do encontro, pugnando dentro das regras de um puro

desportivismo que devia servir de exemplo para tôdas as circunstâncias. Apesar do enorme alcance final do jogo, os adversários prestigiaram-se usando de um aprumo de atitudes que mais nos faz lamentar os exageros de outras ocasiões.

Aliviados desta esmagadora tarefa, os clubs de Lisboa vão agora poder dispensar toda a sua atenção às lutas do campeonato de Portugal.

Salazar Carreira.



A multidão que enchia por completo o Estádio de Wembley no dia da final da «Taça de Inglaterra»

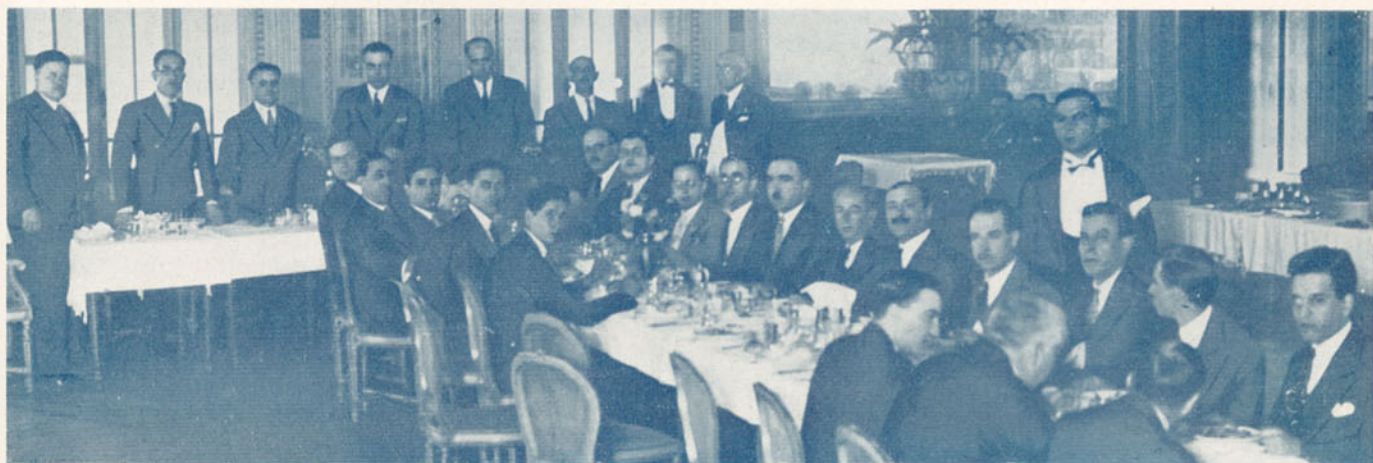
O II CONGRESSO DA IMPRENSA ALENTEJANA



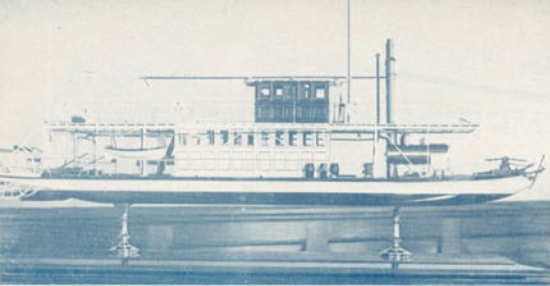
Alguns dos congressistas antes da abertura dos trabalhos, reunidos com os membros da comissão organizadora



O sr. ministro do comércio presidindo à sessão de encerramento do Congresso, onde se trataram alguns dos mais graves problemas do Alentejo



Aspecto do banquete realizado no Gremio Alentejano, no final do qual se trocaram afectuosos brindes de confraternização



Modelo da lanca fluvial «Capelo» que tomou parte nas lutas contra o Gungunhana no rio Limpopo, em 1895

anos dedica a assuntos de Marinha um interesse e uma actividade infatigáveis.

Henrique Monfroy de Seixas é o realizador dessa obra que preen-

che uma lacuna grave nas organizações do Estado. Animado dum espírito de coleccionador paciente e de investigador profundo, Henrique de Seixas logrou reunir nas salas do seu museu particular uma colecção valiosa que abrange, em especial, a actividade marítima de Portugal nos últimos cinqüenta anos e onde têm representação as variadas formas de navegação dos nossos pescadores e marreantes.

Porque se trata duma colecção particular, a sua existência é desconhecida do grande público. Justa se nos afigurou, por isso, a ideia de revelar essa obra notável aos nossos leitores.

Á condescendente amabilidade de Henrique de Seixas devemos o favor duma visita ao pequeno museu que ocupa dois andares da sua residência, na rua D. Estefânia. Dessa visita, que as exigências da reportagem fizeram demasiado rápida em relação à abundância de documentos aí reunidos, procuramos dar nas linhas que seguem uma resumida descrição.

A primeira sala acha-se dedicada a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Ao centro, uma estátua alegórica evoca o audacioso vôo dos dois heroicos aviadores. Na sua frente, há uma vitrina que contém a *maquette*, feita em rigorosa escala, do «Lusitânia», o hidro-avião em que se iniciou a viagem e que um acidente destruiu junto aos penedos de S. Pedro e S. Paulo. Nada falta a essa *maquette* feita com minuciosos rigores — nem mesmo os cavaletes que serviam para suportar as asas e o «berço», rodado sobre que assentavam os flutuadores para deslocação em terra.

Perto estão algumas relíquias dessa gloriosa viagem aérea: pedaços dos ro-

chos do Estado. Animado dum espírito de coleccionador paciente e de investigador profundo, Henrique de Seixas logrou reunir nas salas do seu museu particular uma colecção valiosa que abrange, em especial, a actividade marítima de Portugal nos últimos cinqüenta anos e onde têm representação as variadas formas de navegação dos nossos pescadores e marreantes.

Porque se trata duma colecção particular, a sua existência é desconhecida do grande público. Justa se nos afigurou, por isso, a ideia de revelar essa obra notável aos nossos leitores.

Á condescendente amabilidade de Henrique de Seixas devemos o favor duma visita ao pequeno museu que ocupa dois andares da sua residência, na rua D. Estefânia. Dessa visita, que as exigências da reportagem fizeram demasiado rápida em relação à abundância de documentos aí reunidos, procuramos dar nas linhas que seguem uma resumida descrição.

A primeira sala acha-se dedicada a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Ao centro, uma estátua alegórica evoca o audacioso vôo dos dois heroicos aviadores. Na sua frente, há uma vitrina que contém a *maquette*, feita em rigorosa escala, do «Lusitânia», o hidro-avião em que se iniciou a viagem e que um acidente destruiu junto aos penedos de S. Pedro e S. Paulo. Nada falta a essa *maquette* feita com minuciosos rigores — nem mesmo os cavaletes que serviam para suportar as asas e o «berço», rodado sobre que assentavam os flutuadores para deslocação em terra.

Perto estão algumas relíquias dessa gloriosa viagem aérea: pedaços dos ro-

chos do Estado. Animado dum espírito de coleccionador paciente e de investigador profundo, Henrique de Seixas logrou reunir nas salas do seu museu particular uma colecção valiosa que abrange, em especial, a actividade marítima de Portugal nos últimos cinqüenta anos e onde têm representação as variadas formas de navegação dos nossos pescadores e marreantes.

Porque se trata duma colecção particular, a sua existência é desconhecida do grande público. Justa se nos afigurou, por isso, a ideia de revelar essa obra notável aos nossos leitores.

Á condescendente amabilidade de Henrique de Seixas devemos o favor duma visita ao pequeno museu que ocupa dois andares da sua residência, na rua D. Estefânia. Dessa visita, que as exigências da reportagem fizeram demasiado rápida em relação à abundância de documentos aí reunidos, procuramos dar nas linhas que seguem uma resumida descrição.

O ÚNICO MUSEU DE MARINHA EXISTENTE EM PORTUGAL É OBRA DUM COLECCIONADOR PORTUGUÊS

dos desportos náuticos, francesa, há poucos meses falecida.

Ao longo das paredes desta e das outras salas há uma documentação fotográfica abundantíssima em que os factos mais notáveis da vida marítima portuguesa dos últimos tempos se encontram fixados. Salientamos aqui, por exemplo, dois aspectos da trasladação dos restos mortais de Vasco da Gama que, vindos da Vidigueira, atravessaram o Tejo a bordo da canhoneira «Mindelo». Datam de 1880 e são, por certo, das mais antigas provas fotográficas existentes no nosso país.

Nas salas seguintes, os modelos de navios sucedem-se. Em todos se nota o mesmo cuidado metódico.



Em cima: — Remador algarvio na tripulação do bergantim real. Em baixo: — Miniatura dum velho modelo de escafandro



Em cima: — Remador algarvio na tripulação do bergantim real. Em baixo: — Miniatura dum velho modelo de escafandro

pormenores, o mesmo rigor matemático nas mais pequenas minúcias. Quasi todos esses modelos são de barcos já desaparecidos, cuja imagem, graças a esse trabalho de paciência beneditina, pôde ser fielmente conservada.

Mas a preocupação da exactidão vai mais longe do que à primeira vista se supõe. Até nas partes internas de alguns barcos a reconstituição foi rigorosamente cuidada. Um sistema de minúsculas lâmpadas eléctricas pôe em evidência esses interiores cujas reduzidas proporções são farto motivo de admiração.

Entre estes modelos destaca-se o da lanca fluvial «Capelo», que fez serviço no Limpopo durante a campanha contra o Gungunhana, em 1895, e que ficou célebre na história por ter

neira «Pátria». Há uma reconstituição em escala reduzida do farol de Aveiro que encanta pela perfeição de todos os pormenores.

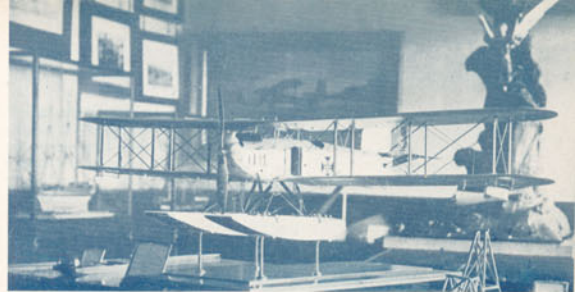
Mais adiante, um modelo — o maior de todos os que aqui se admiram — da fragata «Ulisses», que oferece grande número de semelhanças com a «D. Fernando» e foi construída em Lisboa em 1792, no reinado de D. Maria I.

Perto estão algumas valiosas gravuras representando fases da batalha do Cabo de S. Vicente, em que a Armada de D. Maria II, comandada pelo almirante Napier, derrotou a esquadra de D. Miguel, assegurando o triunfo dos princípios liberais.

Sobre uma pequena mesa vê-se um «Jogo da Armada», gravado em Paris em 1719, curioso divertimento da época em tudo semelhante ao actual e popular «Jogo da Glória».

Ao longo das vitrinas das salas seguintes exhibe-se toda a arte de navegação dos laboriosos pescadores portugueses. Os modelos sucedem-se interminavelmente, todos por igual cuidados nos mais pequenos apetrechos. Os lugres alternam com as traineiras e os buques com os galeões, numa profusão de variedades que assombra. Aqui é o pitoresco batel da pesca do alto na Nazaré, com seus desenhos ingénuos. Além, a curiosa baiteira dos pescadores da ria de Aveiro. E ainda esse admirável barco rabelo, empregado no transporte de cascos no rio Douro, que um único leme colocado à retaguarda faz deslocar e serve de leme. Junto d'este exhibem-se os variados apetrechos dos tripulantes numa escala que, por muito reduzida, quasi escapa à vista desarmada. São a serra, o barril de água doce, a tradicional broa de milho, etc.

Numa vitrina longa, admiram-se modelos miniaturais dos diversos artefactos usados na vida de bordo: moitões, ca-



«Maquette» do «Lusitânia» que conduziu Gago Coutinho e Sacadura Cabral aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo

denais, bigotas, âncoras, boias, etc. Noutra uma armação para a pesca da sardinha, ilustrando a disposição engenhosa das rédes onde o peixe é colhido. Há um curioso exemplo de viveiro de lagostas; um completo modelo de comporta.

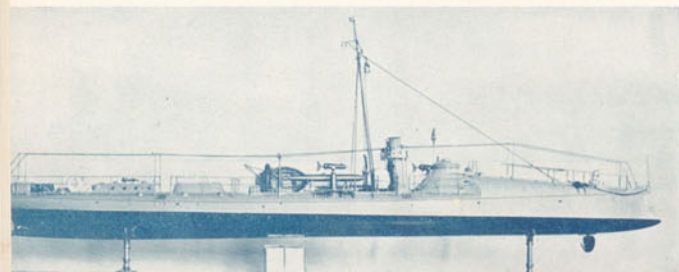
E seguem-se os barcos ricos, feitos para divertimento de príncipes e argentários — *racers* de corrida, canoas de recreio, etc. Mais adiante, exibem-se ainda minúsculas réplicas de todos os trofeus e taças disputados nos últimos anos em competições navais.

Finalmente, a última sala está dedicada às galeotas e bergantins reais de que se exibem quatro preciosos modelos. Encima esta sala o retrato, de grandes proporções, de D. Carlos, cultor apaixonado de tudo que com a marinha se prendia. Pelas paredes há planos e esquemas valiosos de embarcações reais. A um canto está um manequim rigorosamente uniformizado representando um dos marinheiros algarvios que formavam a tripulação do bergantim real.

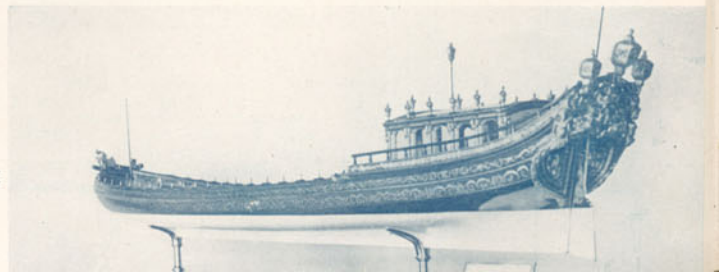
Nestes modelos de bergantins há que admirar a perfeita execução de todos os pormenores. São minúsculas obras de arte, decoradas com preciosas pinturas e obras de talha quasi microscópicas.

Tal é, resumidamente, a valiosa colecção que Henrique de Seixas reuniu num esforço perseverante de muitos anos e que dia a dia enriquece com novas aquisições. Os estudiosos de coisas de Marinha encontrarão aí abundantes materiais que em nenhuma outra parte do país se encontram reunidos. E só por isso bem merece o ilustre coleccionador os maiores louvores.

Manuel L. Rodrigues.



Torpedeiro que fez serviço na Marinha de Guerra



Um precioso e artistico modelo do bergantim real



POUCOS filmes têm sido aguardados, nos últimos tempos, com tanto interesse como «D. Quixote».

E a expectativa justificava-se amplamente. Para o público que segue de perto o movimento cinematográfico, o nome de Pabst é uma das mais seguras promessas duma obra de interesse. Neste caso tinha ele ainda a valorizá-lo a preciosa colaboração dum dos maiores cantores do Mundo, o célebre russo Chaliapine.

Pode dizer-se que «D. Quixote» correspondeu a essa expectativa. Se desagradou a alguns deve-se isso a uma incompreensão dos que esperavam ver na versão do romance de Cervantes uma farça.

«D. Quixote», visto por Pabst, é uma interpretação cheia de originalidade da genial sátira da cavalaria andante. É como interpretação e não adaptação que a devemos encantar e é esse o seu aspecto mais admirável.

Chaliapine deu uma interpretação notável ao singular e difícil personagem do «Cavaleiro da triste figura». O seu jogo de cena, talvez demasiado teatral, ajusta-se, contudo, ao caracter dessa figura de louco obcecado pela leitura de romances de cavalaria. O filme tem belas imagens — qualidade comum a todos os filmes de Pabst, de «Quatro de Infanteria» e «Atlantida».

A cena final da queima dos livros é um achado feliz de realização. A inversão do movimento, em especial, que faz ressurgir das cinzas o livro, é do melhor efeito.

Dorville dá relevo à figura lendária de Sancho Pança, imprimindo-lhe esse cômico especial que se encontra na obra de Cervantes.

Em resumo, «D. Quixote» é um filme notável, que tem a diferença de tantos outros esta importante circunstância — enquanto os actores riem das grotescas aventuras de D. Quixote, o espectador acompanha angustiada a tortura do herói ridículo.

A capa do presente número é constituída por uma bela fotografia da inteligente actriz Nancy Carroll, tão apreciada do nosso público.

Nancy Carroll tem figurado em numerosos filmes exibidos no nosso país, e as suas raras faculdades de actriz são conhecidas de todos. Mas a juntar a essas qualidades, a bela artista



possui outras que mais lhe garantem ainda a admiração do público português. Queremos referir-nos à sua beleza frágil e graciosa, à sua doce emotividade, tanto do agrado dos povos meridionais.

Isto explica o êxito dos filmes da «Paramount» que a linda actriz anima com a sua inteligente interpretação.

Ilustram esta pagina diversas fotografias do popular astro Maurice Chevalier.



Propositadamente as reuniões porque do seu conjunto resulta uma expressiva documentação do variado jogo fisionómico do notável artista.

Através deste seqüência de imagens fácil se torna observar todo esse conjunto de expressões de que ele sabe tirar tão prodigiosos efeitos, quer no palco quer no «écran», e que lhe garantirão o mais fulgurante êxito em todo o Mundo.

Depois das mais contraditórias notícias e desmentidos, chegou por fim a notícia de que o rompimento no casal Joan Crawford-Douglas Fairbanks tinha todo o carater de definitivo.

A sentença de divórcio já foi pronunciada. A razão invocada por Joan Crawford foi a de «crueldades mentais», argumento muito do agrado dos cônjuges norte-americanos desavindos. Joan e Douglas reconquistaram, pois, a sua



liberdade. Veremos agora o que fazem desse bem inestimável.

King Vidor, de quem já não se falava havia longo tempo, vai de novo exercer a sua actividade. Dirigirá a realização dum filme em que tomam parte Miriam Hopkins e Lionel Barrymore.

É de justiça considerar King Vidor como um dos mais notáveis realizadores americanos. A

sua prolongada inactividade, não tem, por isso, fácil explicação. Mas não será talvez errado atribuí-la à sua discordância, como verdadeiro artista, dos processos seguidos pelos produtores americanos. King Vidor é, como se sabe, o autor de «Alcúlia», o espantoso filme da raça negra que a crítica exaltou, mas constituiu um verdadeiro insucesso de bilheteira.

De então para cá, King Vidor, só merece medíocre confiança aos grandes industriais do cinema.

A «Metro» projecta uma «Revista de Hollywood 1933», à semelhança dos filmes há anos produzidos e que tão considerável êxito obtiveram.

Nestes filmes tomará parte quasi todo o elenco que a célebre empresa mantém sob contrato.



Entre outros, Joan Crawford, Jean Harlow, Marie Dressler, Jeanette Mac Donald, Romon Navarro e o cómico Jimmy Durante.

Dois artistas, por igual notáveis e estimados do público, vão pela primeira vez figurar, lado a lado, no mesmo filme.

Trata-se de Jeanette Mac Donald e de Ramon Navarro que vão interpretar em breve um filme musical para a «Metro».

Como se sabe Jeanette Mac Donald encontra-se presentemente em Londres, onde toma parte no desempenho dum filme para uma empresa britânica. Logo que este se encontrar terminado, a linda actriz regressará a Hollywood, onde vai cumprir um contrato já anunciado com a «Metro».

Sob os auspícios da sociedade dos «Amigos de Portugal», exhibiu-se em Bruxelas um filme realizado por uma expedição de que participavam artistas, engenheiros e cineastas, durante uma viagem pelo arquipélago dos Açores. O

CINEMA

A estreia de «D. Quixote»

filme, que recebeu o título de «Sintese dos Açores», teve um lisonjeiro acolhimento. A crítica salientou em especial o ritmo com que as imagens se sucedem e o feliz aproveitamento das magníficas belezas naturais das ilhas. Abundam no filme os documentos históricos que marcam a passagem dos nossos primeiros colonizadores.

«Sintese dos Açores» tem carácter puramente documentário, não se baseando, portanto, em qualquer entrecho.

Estreou-se em Paris e mereceu as melhores referências da crítica um filme americano realizado por Henry King que tem por título «A feira das Ilusões».

É a história duma família de lavradores americanos para quem o grande acontecimento de



cada ano é a feira que se realiza na cidade próxima. O pai engorda os seus animais para o concurso pecuário. A mãe prepara os seus melhores doces. A filha encontra na feira um jornalista com quem conversa de amor nas oportunidades que a vida animada da feira lhe consente. E o filho apaixonou-se duma linda acrobata que o leva às mais ingénuas tolices.

Com semelhante entrecho, todo o merecimento do filme está, como se compreende, na planificação que é magistral. Por ela se reconstitui a pitoresca animação duma feira norte-americana, nos seus mais curiosos aspectos.

Will Rogers e Louise Dresser desempenham com inexcédvel graça o papel de pais. Janet Gaynor e Lew Ayres formam um encantador par amoroso.

Leontine Sagan, a admirável realizadora de «Raparigas de Uniforme», partiu para a América no cumprimento dum contrato que estabeleceu com uma empresa americana.

A notável artista vai dirigir, no seu primeiro filme a produzir nos Estados Unidos, a extraor-

dinária actriz Dorothea Wieck que fez a preceptora em «Raparigas de Uniforme» e cuja partida para a América já em tempos noticiámos.

Apesar da crise os produtores fazem os seus projectos e a serem estes executados a actividade não será reduzida de modo sensível nos estúdios da Califórnia.

A «Paramount» anuncia 14 filmes; a «Metro» 8; a «Fox» 12; e a «Radio» 5.

Trata-se, é claro, de grandes produções, não



estando incluídas nestes números os filmes de pequena metragem.

Lilian Harvey terminou o seu primeiro filme realizado na América, que se chama «My lips Betray».

John Boles tem ao lado da encantadora artista o papel de galã da estirpe real que se apaixonou por uma modesta aia do seu palácio. A parte cómica está a cargo de El Brendel, o extraordinário comediante de «1940», e outros filmes de êxito.

Terminou há pouco a realização do «Zoo in Budapest», filme cuja acção se passa quasi exclusivamente num grande parque zoológico. Os principais papeis são desempenhados por Loretta Young e um grupo de feras, todos por igual conscientes do seu papel.



A Imprensa estrangeira salienta, neste filme, a qualidade superior da fotografia que é do notável operador de «Ruas da Cidade» e «Carface».

Nos estúdios «Pathé-Natan», em Joinville, França, exhibiram-se diversos ensaios de filmes em cores naturais que despertaram grande curiosidade.

Os progressos registados por estes ensaios são evidentes e marcam já uma acentuada diferença com outros filmes como «O rei vagabundo»



«O rei do jazz», e «O pirata negro» que representavam a infância do género.

A fotografia de exteriores ainda é, contudo, ponto satisfatória. As imagens surgem demasiado coloridas, com esse aspecto característico dos cromos antigos.

Apesar de tudo, isto mais vem radicar a opinião de que o cinema em cores naturais será dentro de breve tempo um facto no domínio da exploração industrial.

Marlane Dietrich, que se encontra na Europa, renovou antes do seu regresso à pátria o contrato que a liga à «Paramount».

Voltará, por isso, à América após umas curtas férias na Alemanha. E irá interpretar diversos filmes que serão realizados, segundo se diz, por Joseph von Sternberg.

Aguarda-se com grande interesse esta nova fase da colaboração dos dois grandes artistas.

Projecta-se adoptar ao «écran» o célebre romance «O amante de lady Chatterby», do romancista inglês D. H. Lawrence, já falecido.

Miss Delia Lawrence, filha do grande escritor, interpretará provavelmente o principal papel feminino no filme que vai ser extraído do romance.

Já por diversas vezes aqui temos falado em Will Hays, que os americanos usam chamar «o tsar do cinema».

Wil Hays exerce, de facto, uma tirania absoluta sobre a produção americana, por intermédio duma censura inspirada no mais acanhado puritanismo.

Destá vez, Wil Hays aumentou ainda mais o rigor dos seus julgamentos, dando conhecimento das suas disposições a todos os produtores norte-americanos. São abolidas todas as cenas excessivamente sensuais, todos os ditos de duplo sentido, etc.

Resta saber se depois disto o cinema internacional a ser um divertimento.





à pesca

"Remetemos 5.000 homens. Queira devolver os fardamentos."

Duas amigas encontram-se na Avenida:
— Mas que excentricidade é essa de saíres para a rua, com um relógio de parede?

— É para envergonhar o meu marido que não me quer dar um relógio de pulso!

— O cavalheiro pode fazer o favor de me emprestar cem mil reis?

— Mas eu não o conheço...

— É por isso mesmo. Se me conhecesse não me emprestava!

— Eu, quando digo uma asneira, sou logo o primeiro a rir.

— Por isso o senhor anda sempre tão alegre.

No consultório dum médico, que não tem doentes:

— Que estás tu aí há meia hora a fazer receitas, se não tens nem um cliente?

— É para matar o tempo.

— As cartas que a senhora me deu para meter no correio iam erradas. A destinada a seu marido, que está em Paris, tinha um selo de cruzado e a dirigida à sua comadre do Porto, levava uma estampilha de mil duzentos e cinquenta!

— E, você, já se sabe, mudou as estampilhas?

— Não, minha senhora, mudei as direcções, que era mais fácil...

No dentista:

— Pronto, já lhe arranquei a raiz. Como se sente?

— Sinto-me assim, como se o senhor me tivesse arrancado a cabeça e me tivesse deixado a raiz.

O presidente duma Camara Municipal da província apresentou a seguinte proposta:

"Proponho que na construção do novo hospital seja aplicado todo o material

do antigo edifício e que este só seja demolido quando o novo estiver a funcionar."

— E você, dá-se bem com a sua mulher?

— Muito bem. Ela é mulher a dias e eu sou guarda-nocturno.

Um sujeito está conversando com uma senhora:

— O meu amigo fuma? pergunta ela.

— Só quando estou aborrecido.

E acendeu um cigarro.

— No fim de contas sempre compraste um piano á tua mulher.

— É verdade, comprei.

— E quanto te custou?

— A minha tranqüillidade.

Numa vacaria:

O freguês — A vaca tem uma qualidade que o senhor não tem.

O leiteiro — Qual?

O freguês — Dá o leite puro.

O leiteiro — Tem razão, mas eu tenho uma qualidade que a vaca não tem.

O freguês — Qual?

O leiteiro — Fio...

— Tu vendes chapéus de chuva, eu vendo impermeáveis e isso não impede de sermos dois bons amigos.

— Pois está visto. O sol quando nasce é para todos.

No tribunal:

O juiz — E como arrombou o cofre?

O réu — O senhor juiz desculpe, mas eu não dou lições, de graça.

Lugares comuns:

— E estava muita gente na exposição canina?

— Meia duzia de gatos.

O médico — Outro dia chamaram-me, com urgência, para ver três doentes. Quando lá cheguei estavam mortos.

O amigo — Impacientes...

O pescador — Lino Ferreira.

Um sujeito entra numa mercearia e diz ao dono da casa:

— Sou vidraceiro e como o senhor tem um vidro da montra partido eu venho oferecer-me para colocar um inteiro, por cinqüenta escudos.

— Tenho muita pena, mas já ajustei o mesmo trabalho por trinta e dois.

— Então aqui os tem — disse o sujeito — pondo os trinta e dois escudos em cima do balcão. Eu sou o pai do rapaz que partiu o vidro e a quem o meu amigo mandou uma factura de oitenta escudos.

No colégio:

A professora — Menino António, quantos são 3 e 2?

O menino António não responde.

A professora — Oiça bem. Imagine que lhe dou 3 tostões e depois dou-lhe mais dois. Com quantos tostões fica?

Menino — Com sete.

A professora — Com sete tostões?!...

Menino — Sim minha senhora, porque eu tenho aqui já 2 tostões que a minha mãe me deu para rebuçados.

À mesa do almoço a mãe lê um telegrama:

— Um telegrama da tia Eulália: "Perdi o comboio. Parto amanhã mesma hora."

— Ó mamã, se ela parte à mesma hora vai perder outra vez o combóio.

— Casei com ela porque é uma grande cantora.

— Eu, no teu caso, tinha comprado um gramofone.

Um general chinês pede reforços para o quartel general. De lá enviam-lhe 5.000 homens, com a seguinte guia:

“O DOMINÓ NEGRO”

divertimento em 1 acto

por CARLOS MALHEIRO DIAS

Carlos Malheiro Dias — o grande escritor português há muitos anos residente no Brasil — escreveu há tempos uma peça teatral, a que chamou «divertimento num acto». Foi representada uma única vez: numa festa realizada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, organizada pela «Associação da Mulher Brasileira». Foi desempenhada por amadores. O papel de «Dominó negro» foi interpretado pelo ilustre prosador sr. dr. Oscar Lopes, presidente da Sociedade dos Homens de Letras; o de «Dominó azul» pelo apreciado poeta sr. dr. Luiz Edmundo; o de «Condessa» pela sr.^a D. Constança Teixeira Bastos; o de «Dominó côr de rosa» pela aluna da Escola Dramática, sr.^a D. Carmen Fernandes e encarregou-se do pequeno personagem da «criada» a menina Helena Paranhos, neta do barão de Rio Branco. No baile de máscaras, dançado em cena, figuravam senhoras e rapazes da sociedade elegante do Rio de Janeiro. A Ilustração brinda hoje os seus leitores com a publicação inédita em Portugal, da pequena obra teatral de Carlos Malheiro Dias, figura de destaque na nossa literatura.



Carlos Malheiro Dias

PERSONAGENS

A CONDESSA
UM DOMINÓ NEGRO
UM DOMINÓ AZUL
UM DOMINÓ COR DE ROSA
JORGE DE SÁ
UM CRONISTA MUNDANO
O CONDE
UMA CRIADA, UM CRIADO
MÚSICOS, MASCARADOS.

Sala comunicando ao fundo, por um arco, com um salão de baile. Luzes acesas na sala. O salão ás escuras. Mobiliário: o preciso para compor um interior de grande luxo. No salão, um piano de cauda, de concerto.

CENA I

CONDESSA, A CRIADA, DEPOIS O CRIADO

CONDESSA — (vestida com dominó côr de rosa, de laço preto no ombro. — Ao levantar o pano, a criada coloca-lhe a máscara de veludo preto) — As minhas luvas? O leque?

(Ouve-se tocar um timbre).

CRIADA — (dando-lhe o leque e as luvas) — É preciso esperar pela senhora Condessa?

CONDESSA — Não. — (Para o criado) — Quem tocou?

CRIADO — (de libré, aparecendo á porta da D.) — A pessoa por quem a senhora Condessa espera.

CONDESSA — Que suba! Que entre!

CRIADO — V. Ex.^a sabe se é preciso esperar pelo sr. Conde?

CONDESSA — O sr. Conde vai ao baile dos *Didrios*. Só voltará de madrugada.

CRIADO — O Baptista pergunta á senhora Condessa para que horas quer a carruagem.

CONDESSA — Para as três. E os ramos de violetas nos arceios, como ontem.

CRIADA — A senhora Condessa esquece o lenço?

CONDESSA — É inútil. Esta noite não tenciono chorar. Apague as luzes no quarto de banho e no quarto de vestir.

CENA II

CONDESSA E DOMINÓ NEGRO

CONDESSA — (precipitando-se para o Dominó Negro, que entra pela porta da D.) — O que nós vamos divertir-nos!

DOMINÓ NEGRO — Venho disposto a isso.

CONDESSA — Que voz! Estás indecifrável. Mas não me apertes assim as mãos, que me magoas!

DOMINÓ NEGRO — O meu empenho é magoa-la!

CONDESSA — Jorge! Que asneira!

DOMINÓ NEGRO — Eu não sou Jorge.

CONDESSA — (desprendendo-se assustada) — Evidentemente! A voz não é d'ele! Mas quem é o senhor?

DOMINÓ NEGRO — Sou a partida de carnaval!

CONDESSA — Desde quando entram as partidas de carnaval nas casas sem se fazerem anunciar?

DOMINÓ NEGRO — É esse o seu privilégio, minha senhora.

CONDESSA — Mas Jorge? Porque não veio Jorge?

DOMINÓ NEGRO — Porque não quis.

CONDESSA — É uma brincadeira absurda!

DOMINÓ NEGRO — Não é uma brincadeira.

CONDESSA — Uma comédia fastidiosa! E, comédia por comédia, teria valido mais a pena ir ao teatro.

DOMINÓ NEGRO — Todas as comédias que por aí se representam são insípidas.

CONDESSA — E considera então esta mais divertida?

DOMINÓ NEGRO — Isto não é uma comédia. É um drama...

CONDESSA — ... ridículo! O senhor acaba por causar-me medo!

DOMINÓ NEGRO — Apenas principio!

CONDESSA (estendendo a mão para a máscara do Dominó Negro) — Mas afinal quem é o senhor?

DOMINÓ NEGRO — Perdão, minha senhora. A máscara é-me precisa.

CONDESSA — Não vac recusar-me o direito de saber com quem falo em minha casa?

DOMINÓ NEGRO — A que insípidez ficaria reduzido o carnaval, se as pessoas espirituosas lhe não perdoassem as inconveniências?

CONDESSA — Mas pôde saber-se, ao menos, ao que devo a sensoria da sua presença?

DOMINÓ NEGRO — Não pôde.

CONDESSA — Oh! na verdade, Jorge podia ter encontrado um passatempo menos fastidioso!

DOMINÓ NEGRO — V. Ex.^a é casada?

CONDESSA — Positivamente, o senhor irrita-me. Simular que não me conhece, em minha casa, é levar a intriga para o absurdo!

DOMINÓ NEGRO — Nós estamos em pleno absurdo! Vejo que é casada...

CONDESSA — Vê?

DOMINÓ NEGRO — Pelo anel da aliança.

CONDESSA — Realmente, é necessário ser um lince para descobrir uma cousa dessas! Devia oferecer-se á policia.

DOMINÓ NEGRO — V. Ex.^a esperava um homem... que não é seu marido...

CONDESSA — Nem o senhor.

DOMINÓ NEGRO — Um homem que deveria procura-la com um dominó preto: como o meu. Com um laço vermelho no hombro: como este. O que pôde determinar a entrevista, em noite de domingo de carnaval, de um homem elegante e de uma senhora formosa?

CONDESSA — Ah! também sabe que sou formosa?

DOMINÓ NEGRO — Pela voz. A voz é uma certidão de idade e de formosura.

CONDESSA — Ouvii isso numa dessas comédias insípidas que se representam agora?

DOMINÓ NEGRO — Não minha senhora. Aprendi-o na comédia insípida que nunca deixa de representar-se em casas repletas, por piores que sejam os actores...

CONDESSA — Ah!

DOMINÓ NEGRO — E que se chama a vida.

CONDESSA — Um filósofo no carnaval!

DOMINÓ NEGRO — Justamente, eu só filósofo no carnaval. Concedo-me 72 horas por ano para filosofar; desde a meia noite de sabado até á meia noite de terça. Mas, se V. Ex.^a me dá licença, eu continuo na minha exposição interrompida, Dos 35 minutos de que dispunha para a representação do meu drama, restam 900 segundos... Um relampago! Dizia eu que a senhora Condessa esperava á meia noite e meia hora...

CONDESSA — Também sabe a hora?

DOMINÓ NEGRO — ... Um dominó preto... (Ouve-se soar o timbre eléctrico)... que chega agora.

CONDESSA — E ainda bem!

DOMINÓ NEGRO — E a quem o seu criado dirá — porque eu o encarreguei de lh'as dizer — estas palavras textuais: «A senhora Condessa pede-lhe para voltar daqui a 20 minutos...»

CONDESSA — (encaminhando-se para a porta) — E a quem eu vou dizer...

DOMINÓ NEGRO — interceptando-lhe o caminho) — Perdão! A senhora não dirá cousa alguma!

CONDESSA — É uma violência!

DOMINÓ NEGRO — É uma violência.
CONDESSA — Reconheço-o?
DOMINÓ NEGRO — Reconheço-o.
CONDESSA — E o que lhe dá coragem para esta impertinência?
DOMINÓ NEGRO — Saber que é uma mulher de espírito.
CONDESSA — Vale a pena: para o aturar! Que se propõe o senhor ainda?
DOMINÓ NEGRO — Dar um baile de mascaras em sua casa.
CONDESSA — (rindo) — Um baile em minha casa?
DOMINÓ NEGRO — Para diverti-la, minha senhora.
CONDESSA — Começo a achar-lhe graça.
DOMINÓ NEGRO — Já não é sem tempo.
CONDESSA — Um baile com nós dois? Teremos de convidar os criados!
DOMINÓ NEGRO — Um baile em fôrma! Com orquestra, com espírito, com alegria, e que será amanhã o assunto de tôdas as salas.
CONDESSA — E de tôdos os jornais?
DOMINÓ NEGRO — De tôdos! Sou um empresário que sabe do seu officio. Será um triumpho!
CONDESSA — Um baile sem convites! Que me custará a hostilidade de tôdas as minhas amigas!
DOMINÓ NEGRO — Que lhe custará muito mais do que isso, minha senhora!
CONDESSA — E os convidados?
DOMINÓ NEGRO — Estão a caminho.

(Ouve-se tocar de novo o timbre eléctrico)

CONDESSA — São talvez êles?
DOMINÓ NEGRO — (vendo as horas) — Meia-noite e trinta e cinco minutos. É a orquestra. Deve ser a orquestra. Um modesto sexteto. Eu não conhecia o salão. Para outra vez mandarei vir a orquestra de Berlim!...
CONDESSA — Muito obrigada.
DOMINÓ NEGRO — Não tem de quê. Isto divertte-me imenso!
CONDESSA — Sinto não poder dizer o mesmo. Teremos então de esperar ainda 15 minutos por Jorge?
DOMINÓ NEGRO — Que passarão como 15 relampagos. O salão é ali? Luz eléctrica?... Excelente! Um verdadeiro palco de teatro!
V. Ex.^a dá-me licença?
CONDESSA — É uma pergunta de que se lembra demasiado tarde!
DOMINÓ NEGRO — Nunca é demasiado tarde para dizer uma coisa inutil!
CONDESSA — O senhor é uma obra prima de impertinência!

(O Dominó Negro abre a porta envidraçada do fundo e acende a luz eléctrica no salão.)

DOMINÓ NEGRO — Os architectos que construíram êstes salões gostavam de dançar!

CONDESSA — Não se esqueça de apresentar-me aos seus convidados.

DOMINÓ NEGRO — Uma simples formalidade. É um baile de mascaras que durará apenas um quarto de hora, como as auroras boreais...

CONDESSA — Vai colocar em terríveis embaraços os cronistas mundanos!...



DOMINÓ NEGRO — Previ tudo, minha senhora. Trago no meu elenco jornalistas.

CENA III

OS MESMOS, OS CRIADOS DEPOIS OS MÚSICOS DO SEXTETO E O DOMINÓ AZUL

CRÍADO — (positivamente estupefacto, surgindo á porta) — Minha senhora, estão lá em baixo uns músicos...

DOMINÓ NEGRO — (atalhando) — Excelente! Estavamos á espera dêles! Que subam! Devem chegar dentro de cinco minutos alguns mascarados. Tôdas as côres do prisma em dominós de seda! São convidados da senhora condessa. Sobem! Evidentemente que sobem.

CONDESSA (rindo) — Evidentemente!

CRÍADO — Acendo as luzes da escada?

DOMINÓ NEGRO — Tôdas!

CONDESSA — E as do vestibulo.

CRÍADO — Sim, minha senhora.

(O criado sai)

DOMINÓ NEGRO — Há apenas um ponto importante no meu programa que precisa da sua anuência...

CONDESSA — Um só? Mas o senhor exagera!

DOMINÓ NEGRO — É necessário que a senhora Condessa substitua o laço preto do seu dominó côr de rosa por êste laço amarelo.

CONDESSA — Isso dá-lhe prazer?

DOMINÓ NEGRO — Nenhum prazer. Mas é preciso. Entre os meus convidados ha um dominó côr de rosa em tudo igual ao de V. Ex.^a. Êsse passará a ser para tôdos os effeitos da representação a senhora Condessa.

CONDESSA — Eu?

DOMINÓ NEGRO — Exactamente!

CONDESSA — E que vai substituir-me?

DOMINÓ NEGRO — Isso mesmo. Oh! apenas por 15 ou 20 minutos.

CONDESSA — Nem tanto tempo seria preciso para me comprometer!

DOMINÓ NEGRO — Não lhe inspire eu confiança?

CONDESSA — Porventura o conhece?

DOMINÓ NEGRO — Os desconhecidos, minha senhora, são os únicos entes humanos que nos inspiram confiança.

CONDESSA — Uma pergunta só: — em tôdo êste disparate intervém Jorge?

DOMINÓ NEGRO — Manifestamente! Esta comédia só se representa porque êle existe!

Condessa (substituindo os laços)

— Pode então prosseguir a comédia!

DOMINÓ NEGRO — Beijo as mais benévolas mãos do universo!

CONDESSA — Pode dizer-lo com convicção!

(A porta apparecem os músicos do sexteto com o Dominó Azul)



DOMINÓ NEGRO — Os músicos! Meus senhores por aqui!

CONDESSA — Mas é divertidissimo! Só falta a ccia do Pascoal!

(Dominó Negro apresenta o Dominó Azul)

DOMINÓ NEGRO — A senhora Condessa de São Fiel...

CONDESSA — Encantada de lhe apertar a mão!

DOMINÓ AZUL — Tenho a honra de ser o mais ignorado dos seus criados, senhora condessa...

CONDESSA — E o mais pontual. Já percebi que esta comédia está regulada e calculada minuto por minuto. Os senhores são relojoeiros ou empregados do caminho de ferro.

DOMINÓ AZUL — Somos a troupe teatral da Providência, em *tournée* pela Terra.

Dominó Negro (que volta do salão onde conduziu os músicos)

— Senhora Condessa, o seu baile vai ser a mais falada partida de carnaval dêste ano!

CONDESSA — Receio isso muito! Vou-lhe dar as estantes de música para o sexteto!

DOMINÓ NEGRO — Óptimo!

CONDESSA — No fundo do salão, no vão da janela...

(Passam os três ao salão. Os músicos ajudam a transportar as estantes e instalam-se ao lado do piano)

DOMINÓ NEGRO — A senhora Condessa tem alguma valsa da sua predilecção?

CONDESSA — Isto pede música de Offenbach! Mas o que quiserem! O que quiserem! Menos música clássica, que só se pode ouvir quando se joga o *bridge*!

DOMINÓ NEGRO — Maestro: podemos começar com a *Viuva Alegre*!

(Ouve-se tocar outra vez o timbre eléctrico)

DOMINÓ AZUL — Os seus convidados que chegam, senhora Condessa!

(Sai a receber os mascarados)

DOMINÓ NEGRO — Não perderemos tempo. O prodígio consistirá em que êste baile fenomenal dure vinte minutos no máximo!

CONDESSA — Ai está um projecto que merece o meu aplauso!

DOMINÓ NEGRO — A senhora Condessa receberá os seus convidados no salão. *(Vendo o relógio)*. O sr. Jorge de Sá não demorará um quarto de hora.

CONDESSA — Conto com isso!

DOMINÓ NEGRO — Será pontual. A pontuali-

dade é a virtude dos reis e dos namorados.
Maestro: *A Viuva Alegre!*

CENA IV

OS MESMOS, O DOMINÓ COR DE ROSA, O CRONISTA MUNDANO, E UM BANDO DE DOMINÓS EM VOZEARIA

(*O sexteto toca a valsa da Viuva Alegre. O Dominó Azul introduz os Dominós*)

DOMINÓ AZUL — Por aqui! Meus senhores e minhas senhoras!

DOMINÓ NEGRO — (á porta da sala de baile) — Haverá prêmios para os ditos de espírito!

(*O ruído do bando de Dominós enfia para o salão e desaparece da vista do espectador por momentos enquanto se presume que duram as apresentações. Ouvem-se risos, sussurro de vozes em falsete. Em certa ficam apenas o Dominó Azul e o Dominó cor de Rosa com laço preto no ombro.*)

O sexteto continua a tocar a valsa. No salão, à vista dos espectadores, um par, depois outros e mais outros de Dominós vão passando ao fundo, dançando a valsa.

DOMINÓ AZUL — Não é preciso disfarçar a voz. A voz natural ha de parecer-lhe a êle um disfarce.

DOMINÓ COR DE ROSA — Nenhuma alteração no programa?

DOMINÓ AZUL — Nenhuma. Não lhe dá explicações. Leva-o embora o mais depressa possível. O automóvel está á porta. O *chauffeur* tem ordem para não parar senão quando um dos dois abra a portinhola. Entregamos-lhe um prisioneiro. Tem que o prender nos braços, não o deixar fugir, enlouquece-lo de amor.

DOMINÓ COR DE ROSA — Se tudo isto é uma loucura!

DOMINÓ NEGRO — (vindo do salão com a Condessa pelo braço) — Aqui o tem!

CONDESSA — Não sei se deva tremer ou rir!

DOMINÓ NEGRO — É indiferente. Póde escolher o que condiga melhor com o seu temperamento. (Apresentando os dois Dominós côr de Rosa). A senhora Condessa... A senhora Condessa!

DOMINÓ AZUL — (anunciando) — O sr. Jorge de Sá!

CONDESSA — Mas é uma comédia para crianças! Vão perder o seu tempo! Vai ser um *fiasco!* Vão ver cair o seu castelo de cartas!

DOMINÓ NEGRO — Senhora Condessa, eu sou a infalibilidade! Se me promete que não dirá uma só palavra, que não fará um gesto que elucide o sr. Jorge de Sá, eu garanto o êxito da nossa prodigiosa brincadeira de Carnaval.

CONDESSA — Mas Jorge perceberá logo!

DOMINÓ NEGRO — Experimentaremos!

DOMINÓ AZUL — Se tivéssemos convidado a associação dos médicos, isto seria uma experiência de telepatia!

DOMINÓ NEGRO — (oferecendo os braços aos dois Dominós Côr de Rosa) — Senhora Condessa, o meu braço para a acompanhar ao salão... O meu braço, senhora Condessa, para o mesmo fim. Convém que o duplo Dominó Côr de Rosa não apareça já. (O Dominó Negro conduz a Condessa e o Dominó Côr de Rosa ao salão e retrocede sózinho).

CENA V

O DOMINÓ NEGRO, O DOMINÓ AZUL E JORGE DE SÁ

(*Jorge de Sá, de dominó preto e sem máscara, aparece á porta e estaca, surpreendido, depois de*

alguns passos, procurando com a vista a Condessa).

DOMINÓ AZUL — (ao Dominó Negro) — Tens agora uma cena escabrosa e de efeito!

DOMINÓ NEGRO — Com aquele janota? Ainda se fôsse de veras D. Juan que entrasse!

DOMINÓ AZUL — Tôdas as grandes dinastias degeneram. É D' Juan na 10.^a geração.

JORGE DE SÁ — (adiantando-se) — O senhor explica-me o que isto é?

DOMINÓ NEGRO — Um disparate!

JORGE DE SÁ — Também me parece!

DOMINÓ NEGRO — O senhor é das relações da dona da casa?

JORGE DE SÁ — Entrei sem máscara.

DOMINÓ NEGRO — Por isso pergunto. Num baile de mascarar só os desconhecidos tiram as mascarar!

JORGE DE SÁ — O senhor diz-me, sem gracejar, o que significa êste baile imprevisito?

DOMINÓ NEGRO — Imprevisito? Um baile de que se fala em tôdas as salas do Rio ha 15 dias? Um baile para que foram distribuidos 200 convites? Um baile que tôda a Imprensa noticiou? Um baile a que comparecerá tôdo o Corpo Diplomático?



DOMINÓ AZUL — (áparte) — Muito bem! Não estava na peça, mas podia perfeitamente estar!

JORGE DE SÁ — (positivamente aturdido) — O Corpo Diplomático?

DOMINÓ NEGRO — Mas de que país vem o senhor, ou antes de que planeta, para ignorar que a senhora Condessa de S. Fiel dá um baile de mascarar, em domingo de Carnaval, no seu palácio das Laranjeiras?

JORGE DE SÁ — Ignorava.

DOMINÓ NEGRO — E parece desagradar-lhe...

JORGE DE SÁ — Bastante.

DOMINÓ NEGRO — Oh! mas um baile de mascarar ha-de sempre ser um dos mais deliciosos passatempos...

JORGE DE SÁ — (interrompendo) — O senhor tem o vício da declamação...

CENA VI

OS MESMOS, A CONDESSA E O DOMINÓ COR DE ROSA

(*O Dominó Côr de Rosa desce a cena, ao encontro de Jorge de Sá, seguido a alguns passos de distância pela Condessa. As duas só se diferenciam pelos laços de côr diversa*).

JORGE DE SÁ — (avistando o Dominó côr de

Rosa e avançando para êle) — Que quiere isto dizer, Condessa?

DOMINÓ CÔR DE ROSA — Que me apeteceu dançar consigo uma valsa esta noite, e que improvisei um baile em sua honra!

JORGE DE SÁ — (vendo aparecer o outro Dominó Côr de Rosa fica interdito, hesitando) — Foi uma surpresa!

DOMINÓ CÔR DE ROSA — Uma surpresa!

CONDESSA — Uma surpresa!

DOMINÓ AZUL — Maestro! A valsa continúa!

DOMINÓ CÔR DE ROSA — Sr. Jorge de Sá, tenho a honra de o convidar a pôr a sua máscara, a disfarçar a sua voz — como eu! — e a dançar comigo esta valsa!

CONDESSA — Mas...

JORGE DE SÁ — (depois de um momento de hesitação) — Obedeço! Será mais uma valsa na minha vida!

DOMINÓ CÔR DE ROSA — Tem o ar de quem vai cometer uma acção heroica... de quem vai entrar numa batalha!

JORGE DE SÁ — Ha valsas que valem um combate... de que se sai victorioso ou derrotado...

(*Jorge de Sá e o Dominó Côr de Rosa entram no salão dançando e perdem-se entre os outros bares que dançam*).

DOMINÓ AZUL — Senhora condessa, não sei como dizer...

CONDESSA — (que segue com a vista Jorge de Sá e o Dominó Côr de Rosa) — Diga sempre...

DOMINÓ AZUL — É que na architectura desta maravilha esqueceu uma cousa: o *champagne!*

CONDESSA — (que vai a dirigir se para o salão). — Peça-o ao criado. Eu colaboro com o *champagne* para o êxito da comédia.

DOMINÓ AZUL — Será então um triunfo, senhora condessa!

DOMINÓ NEGRO — (interceptando o caminho do salão á condessa) — Minha senhora, consinta-me que eu lhe conte uma história...

CENA VII

O DOMINÓ NEGRO E A CONDESSA

(*O Dominó Azul saiu. A Condessa, a convite do Dominó Negro, desce a cena até o divã*).

CONDESSA — (irritada) — Vai, finalmente, explicar-me esta comédia de mascarar?

DOMINÓ NEGRO — Tudo. Ha 15 anos, numa guarnição longe do Rio, encontravam-se dois tenentes de cavalaria, mais camaradas do que amigos. Era um dêles casado. Solteiro o outro.

CONDESSA — O segundo era mais ajuizado.

DOMINÓ NEGRO — Sim, minha senhora. Mas perdeu o juizo. Se me dá licença, eu continuo. A história é curta e interessa-a. Aconteceu que um dêsses tenentes de cavalaria — o solteiro — se bateu um dia, á espada, com um capitão de artilharia. Durante muito tempo o seu camarada ignorou os motivos do duelo. Veio depois a conhecer os. Encontrára êle na rua o capitão de artilharia perseguindo uma senhora, a quem dirigia galanteios inconvenientes. Essa senhora era a mulher do seu camarada. Castigou o insolente, esbofetando-o.

CONDESSA — Um D. Quixote.

DOMINÓ NEGRO — Êsse tenente de cavalaria, que assim desafiava o seu camarada, era o Conde de S. Fiel...

CONDESSA — Meu marido!

DOMINÓ NEGRO — Sim, minha senhora. Que é

hoje o marido de V. Ex.^a. O camarada que lhe ficou devendo essa dívida de honra...

CONDessa — Era o senhor?

DOMINÓ NEGRO — Exactamente. Era eu. Quinze anos se passaram. E aconteceu que, ha dois dias, o antigo tenente de cavalaria apanhou do chão, no átrio do *Teatro Municipal*, uma carta que caíra do bolso de um homem elegante e negligente, que todos sabem ser um conquistador de corações: o sr. Jorge de Sá, que está dançando naquela sala com um Dominó Cór de Rosa.

CONDessa — E essa carta, o senhor cometeu a inconveniência de a ler?

DOMINÓ NEGRO — O brasão de armas que marcava o papel era-me conhecido. Essa carta, escrita por uma mulher — por V. Ex.^a — começava por estas palavras comprometedoras. «Meu amor...» Li a carta. Foi uma má acção, que estou diligenciando reparar...

CONDessa — Essa acção, não ha homem de bem que a pratique...

DOMINÓ NEGRO — Não sou um homem. Sou um mascarado que passa...

CONDessa — Dou-lhe licença para continuar. DOMINÓ NEGRO — Continuo. Nessa carta encontravam-se todos os pormenores relativos á entrevista desta noite... Tomei a resolução de substituir-me ao sr. Jorge de Sá...

CONDessa — Insolente!

DOMINÓ NEGRO — ... Pagando a minha dívida ao meu camarada de cavalaria...

CONDessa — Ah! o senhor é um bom devedor.

DOMINÓ NEGRO — ... Fazendo frustrar a entrevista que, pela carta que tenho a honra de devolver á senhora condessa, sei ser a primeira que concedia a esse janota. E agora, minha senhora, que cumprí o meu dever de antigo camarada, pretendo ainda prestar a V. Ex.^a um serviço. O sr. Jorge de Sá supõe estar dançando com a senhora condessa. Um verdadeiro namorado logo teria dado pelo equívoco. Quando terminar a valsa, o Dominó Cór de Rosa arrastará para a escada o seu enamorado par. Na rua, em frente da porta, espera-os um automóvel. Só então, e quando o automóvel tiver partido, o Dominó Cór de Rosa arrancará a mascara de veludo. O sr. Jorge de Sá encontrar-se-á nos braços de uma mulher linda... que podia ser a senhora Condessa, mas que felizmente não é. Essa mulher ajoelhará aos pés do seu fascinador, dir-lhe-á, entre beijos, que o ama... E se for certo que o sr. Jorge de Sá tem por V. Ex.^a um amor que justifique o sacrificio que ia fazer-lhe, elle não demorará cinco minutos a regressar a esta sala. E, se não voltar, a senhora Condessa não me ficará querendo mal por esta comédia... Mas a valsa acabou e a minha história também.

CENA VIII

OS MESMOS, O DOMINÓ AZUL, O DOMINÓ Cór DE ROSA E JORGE DE SÁ

(No salão, o criado serve o Champagne aos mascarados. O Dominó Azul entra com uma taça de Champagne, que vai oferecer á Condessa).

CONDessa — (ao Dominó Negro). Mas o senhor pensa que eu vou consentir em que a sua comédia prossiga?

DOMINÓ NEGRO — Assim tem já tão pouca confiança no amor daquele homem... que perde as suas cartas nos vestibulos dos teatros?

DOMINÓ AZUL — Senhora Condessa... Uma taça de Champagne?...

CONDessa — (secamente) — Obrigada.

(*Jorge de Sá desce a cena com o Dominó Cór de Rosa*).

DOMINÓ NEGRO — (baixo) — Senhora Condessa, estou resolvido a ir até ao escandalo?

JORGE DE SÁ — (ao Dominó Cór de Rosa) — Como a tua voz, Helena, se transforma com a mascara!

DOMINÓ Cór DE ROSA — Vem tirar-ma lá fóra... enquanto este baile insípido continua... Será uma original partida de Carnaval.

JORGE DE SÁ — Saíremos os dois?

DOMINÓ Cór DE ROSA — Tenho o automóvel á porta. Ninguém nos verá descer.

JORGE DE SÁ — Temos a nossa ceia á espera, num quarto do Internacional, todo enfeitado a rosas brancas...

DOMINÓ Cór DE ROSA — Chic.

JORGE DE SÁ — Vem...



DOMINÓ Cór DE ROSA — É quasi uma hora...
JORGE DE SÁ — Vamos.

(*Saem os dois pela D*)

CENA IX

A CONDessa, O DOMINÓ NEGRO E O DOMINÓ AZUL, DEPOIS O CRONISTA MUNDANO

DOMINÓ NEGRO — Começam a correr os cinco minutos!

DOMINÓ AZUL — (á porta do salão) — Sexteto! Uma quadrilha!

(*Dentro do salão organisa-se a quadrilha*)

DOMINÓ NEGRO — A senhora Condessa terá ainda tempo para ir ao baile dos *Diários*.

CONDessa — E o senhor terá tempo de procurar ainda esta noite dois amigos.

DOMINÓ NEGRO — Dois amigos! Mas onde existe hoje o homem feliz que disponha de dois amigos?

CONDessa — Isto acabará, forçosamente, á espada como principiou a sua história de quartel!

DOMINÓ NEGRO — Ah! A senhora Condessa manda-me desafiar?

CONDessa — O seu espirito é enervante! E o sr. Jorge de Sá joga esplendidamente as armas.

DOMINÓ NEGRO — Tanto melhor minha senhora. Será então facil arranjar um desenlace trágico á comédia. Será imprevisito! Será sensacional!

DOMINÓ AZUL — (conduzindo por um braço o cronista mundano) — Aturdido? Embaraçado? O senhor está embaraçado para dar a notícia desta festa prodigiosa! Vejam ao que está reduzido o jornalismo! Escreva lá. Eu dito. (Para a Condessa). É a noticia do baile!

CONDessa — Mas eu não consinto. É demais!

CRONISTA MUNDANO — V. Ex.^a disse?

DOMINÓ AZUL — Não disse nada. Escreva! (Para a Condessa). V. Ex.^a rectificará as inexactidões involuntárias... (ditando) Esta noite, quando a senhora Condessa de S. Fiel se preparava para ir ao baile dos *Diários*, viu o seu palácio invadido por um grupo de espirituosos dominós.

CONDessa — O senhor considera-os espirituosos?

DOMINÓ AZUL — Corte o «espirituosos...» Um grupo de dominós que S. Ex.^a recebeu com a sua gentileza de sempre, improvisando-se um baile que durou até...

(*Do salão de baile chegam as vozes marcando a quadrilha: En avant deux... Croisez... etc.*)

DOMINÓ NEGRO — Senhora condessa, passou o último segundo dos cinco minutos!

DOMINÓ AZUL — (continuando a ditar) — ... Á 1 da madrugada... Entre os mascarados, que guardavam o mais rigoroso incógnito...

CONDessa — O senhor vai dizer-me quem era esse Dominó Cór de Rosa...

DOMINÓ NEGRO — A sua curiosidade é legítima... Não é necessário consultar a Constituição para o reconhecer... Senhora condessa, debaixo daquele dominó havia apenas a mulher que convinha aquele janota.

CENA X

OS MESMOS, O CRIADO E O CONDE

O CRIADO — (abre a porta e anuncia) — O senhor Conde!

(*O conde aparece de casaca, com o chapéu, a bengala e as luvas na mão, e estaca estupefacto*).

CONDessa — (tirando a mascara e dirigindo-se ao Conde :) — Uma partida de Carnaval!

DOMINÓ AZUL — Apenas uma comédia que acabou muito bem para o senhor Conde! As minhas felicitações!

DOMINÓ NEGRO — (tirando a mascara e avançando para o Conde) — Aposto que já me não me conhece, Conde!

CONDE — João da Silveira! Com que prazer o vejo! (Aperta-lhe calorosamente a mão) Condessa, o meu melhor amigo da mocidade.

CONDessa — E de hoje!...

(*Os pares da quadrilha invadem a cena*)

A COMÉDIA ACABOU

Carlos Malheiro Dias.

A PARADA MILITAR comemorativa do "28 de maio,"

FESTEJOU-SE há dias o 7.º aniversário do «28 de maio». Houve, de manhã, uma cerimônia religiosa em S. Domingos e à tarde uma grandiosa parada militar. O sr. Presidente da República, acompanhado pelos membros do governo, oficiais generais e altos funcionários, assistiu ao desfile, duma tribuna especialmente armada, na Avenida da Liberdade.

O governador militar de Lisboa, general sr. Daniel de Sousa, acompanhado por todo o seu estado maior, foi postar-se, a cavalo, ao lado direito da tribuna.

Seguidamente iniciou-se o desfile. A frente, o Colégio Militar, depois a Escola de Guerra, a Marinha, Infantaria 1, batalhões de caçadores 5 e 7, Metralhadoras 1, Artilharia de Costa n.º 1, Trem Hipomóvel, etc. Ao longe avistam-se barretes vermelhos e uniformes de «kaki». São os soldados da companhia indígena de Angola, sob o comando do capitão sr. Barros, que desfilam agora. Depois vêm: Artilharia ligeira n.º 3, Grupo de Artilharia Pesada n.º 2, Batalhão de Automobilistas, Grupo de Artilharia Pesada n.º 1, etc.

Durante o desfile, voaram: uma esquadrilha de aviação, da Amadora, chefiada pelo «Junker's Monteiro Torres», pilotado pelo tenente coronel aviador sr. Ribeiro da Fonseca, um grupo de aviões de Alverca e sete aeroplanos da Escola de Sintra. Ao todo 21 aparelhos.



Um dos músicos da 1.ª companhia de Infantaria de Angola, que tomou parte no desfile



Os alunos do Colégio Militar — estabelecimento de ensino dos que honra um país — abriram a parada militar, marchando garbosamente, em continência ao Presidente da República



Após o desfile, a 1.ª companhia de Infantaria de Angola, comandada pelo capitão sr. Barros, a quem o Chefe do Estado concedeu com o oficialato da Ordem de Cristo, postou-se na Praça dos Restauradores, onde foi alvo dos aplausos da multidão.

Em cima: A força de marinha, passando, em continência, em frente do Monumento aos Mortos da Grande Guerra



A sr.^a D. Maria da Conceição Machado, por ocasião do seu casamento com o sr. dr. Santana Rodrigues, e as suas convidadas

Festas de caridade

NA ESTUFA FRIA

Organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte D. Honorina de Moraes Graça, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, e D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, realizou-se no último sábado, na Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, um concerto de caridade, pela Orquestra de Camara de Lisboa, sob a habil batuta do maestro sr. dr. Ivo Cruz, que executou um sensacional programa em que tomou parte a soprano sr.^a D. Arminda Correia, que mais uma vez teve ocasião de evidenciar os meritos de artista consagrada. Recebeu fartos aplausos, aplausos de que tambem compartilhou o sr. dr. Ivo Cruz, que na regencia, teve ocasião de pôr em destaque as suas belas qualidades de director de orquestra.

Na assistência, a essa bela festa de arte e elegancia, via-se tudo o que de melhor conta a nossa sociedade elegante.

O producto revertia a favor de varias obras de beneficencia, patrocinadas pela comissão organisadora.

NO MIRADOURO DE SANTA LUZIA

Depois de amanhã, realisa-se no Miradouro de Santa Luzia, uma interessante festa de caridade, que constará de «Arraijal popular» levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte D. Adeliná Santos, D. Alice Infante de Lacerda, D. Ana de Freitas, D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Beatriz Viveiros Pereira, D. Berta Ortigão Ramos, condessa da Torre, duquesa de Palmela, D. Eugénia de Sousa Holstein Brandão de Melo, D. Helena de Moura, D. Margarida Teles da Silva Roque de Pinho, D. Mariana de Santos Pimenta, D. Honorino de Moraes Graça, D. Luiza de Ornelas Tonescheste, D. Maria Adelaide, D. Maria do Carmo de Abreu Peixoto, D. Maria de Carvalho Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria Cristina de Guimarães Hino, D. Maria da Conceição Graça Van-Zeller, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Ignácia Castelbranco, D. Maria de Lencastre Van-Zeller, D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho da Camara, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, D. Maria Rio de Carvalho, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, e D. Sarah da Mota

lidade, vai de certo constituir um grande acontecimento mundano.

Formam a comissão as sr.^{as} D. Margarida de Mascarenhas, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Amélia Moraes de los Rios Froes, D. Maria Augusta Leça da Veiga Pinto Cardoso, D. Maria do Carmo de Saldanha de Carvalho, D. Maria da Conceição Leça da Veiga Pinto Cardoso, D. Maria Eugénia Valente Teles da Silva (Tarouca), D. Maria da Graça de Saldanha de Carvalho, D. Maria Helena Burnay de Almeida Belo, D. Maria Helena Duff Burnay Pinto, D. Maria Inês de Barahona (Esperança), D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria José de Melo Breynier Pinto da Cunha, D. Maria José Moraes de los Rios Froes, D. Maria de Lourdes de Barros da Costa Belmarço, D. Maria de Lourdes de Castro Quevedo, D. Maria Luiza Corrêa de Sampaio Roquette, D. Maria Luiza de Melo e Castro Trigooso, D. Maria Luiza Penalba de Mascarenhas (Torre), D. Maria Madalena de Saldanha de Carvalho, D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães e D. Maria Tereza Ortigão Ramos Jorge.

O programa é o seguinte: «Viagem Misteriosa», abrilhantada por duas orquestras sob a direcção do professor Julio Lage, e por um grupo de guitarras, violas, bandolins, e harmonio. «Largada de acrostatos e pombos correios e cerimonia das bandeiras da Cruz de Cristo e das Quinas, em homenagem á Marinha de Guerra



Casamento da sr.^a D. Maria Luiza Pina com o sr. dr. Henrique Moutinho. Os noivos á saída da igreja com os convidados

Vieira Marques, a favor de varias obras de caridade, em que haverá todos os divertimentos que são de uzo nestas festas populares.

FESTA A BORDO

Realiza-se na noite de 9 do corrente, a bordo do vapor «Evora», organizada por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes á nossa primeira sociedade, com um fim verda-deiramente altruísta, uma interessante festa de caridade, que pela sua originali-

AS FESTAS e os casamentos durante a

Portuguesa, «Ceia á americana», fados pelo dr. Paradelo de Oliveira e pelo actor Fernando Izidro, e varias surpresas. Os bilhetes de admissão, ao preço de 35\$00, (incluindo ceia, marcação de meza e entrada) requisitam-se no salão U. P., Rua Serpa Pinto 30.

ARRAJAL POPULAR

Nos dias 10, 11, 12 e 13 do corrente, realizam-se no Terreiro do Paço, festejos populares, levados a efeito pela mesma comissão de senhoras que



Os noivos — sr.^a D. Madalena Monteiro Régio e sr. Jacinto de Almeida, após o seu casamento, realizado em S. Sebastião da Pedreira

no dia 3 do corrente prepara para o Miradouro de Santa Luzia, um arraijal popular.

A entrada no recinto do arraijal será de 2\$50.

Casamentos

Em Cintra, na parochial de S. Pedro, realizou-se o casamento da sr.^a D. Leonor Maria José Correia de Sá (Asseca), gentil filha dos srs. viscondes de Asseca, com o encarregado dos negócios da Roménia, em Lisboa, sr. Emmanuel Kenspinski.

Serviram de madrinha a sr.^a D. Amélia de Orleans e Bragança, que se fez representar pela sr.^a duquesa de Palmela e de padrinhos os srs. Paulo d'Hyboville, secretario da Legação de França em Portugal, e o sr. visconde de Asseca (António), irmão da noiva.

Celebrou o acto religioso, o reverendo dr. Domingos Mauricio Gomes dos Santos, por delegação do reverendo Amaro Henriques Teixeira de Azevedo, prior de Cintra, que fez no fim do acto uma brilhante alocução.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido no salão de meza da Quinta de Vigia, um finissimo lanche, seguindo os noivos para o Palaco do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Serviram de caudatárias as meninas Tereza Correia de Sá Pais do Amaral (Ana

ELEGANTES que se efectuaram quinzena

dia), Olga e Graziela Alvares Pereira de Melo (Cadaval), Maria Madalena de Sá Pais do Amaral Macieira, Tereza Mónica Pinheiro de Melo Beck (Povoá), e Helena Maria Beck Correia de Sá (Asseca).

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Realizou-se na parochial de Santo Antonio do Estoril, o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Pina, interessante filha, da sr.^a D. Felicitária Delci Pina, já falecida, e do nosso querido



Casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Madroal Gonzalez com o sr. Fernando Correia dos Santos. Os noivos e padrinhos

amigo e distinto professor do Conservatório sr. Augusto Pina, com o sr. dr. Henrique Abranches Moutinho, filho da sr.^a D. Emilia Margarida Abranches Moutinho e do illustre clinico oftalmologista sr. dr. Mário Moutinho.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, madrastra da noiva e D. Olga Berens Freire e padrinhos o pai da noiva e o sr. José Júlio Leite Lage.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguesia, monsenhor Antonio José Moita, que no fim da cerimonia fez uma brilhante alocução, tendo durante o acto o organista sr. Emilio Meunier, executado no órgão varios trechos de musica sacra.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido no Casino Portuguez, no Mont Estoril, um lanche, durante o qual se fez ouvir a orquestra do Casino Estoril, sob a direcção de Fabre, que executou um variado programa de concerto.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

D. Maria Leopoldina Correia Pereira de Sousa e Faro e filhas, D. Mariana Moutinho, D. Branca de Gonta Colaço, D. Felicissima Cardim, D. Palmira Eduarda Pimentel Maldonado Araújo Fuschini, D. Irene de Gonta, D. Maria Teresa Chagas, D. Beatriz Nogueira Sales, D. Joaquina Braga Leite Lage, D. Virginia Shalk, D. Sara Moutinho de Vas-

concelos, Senhora de José Pedroso, D. Maria Augusta Supico e filhas, D. Maria da Conceição Vasconcelos Dias, Senhora de Shalk, D. Joaquina Mota, Senhora de Israel-krieff, D. Beatriz, D. Maria Adelaide e D. Ida Coelho, Senhora de Tabar, D. Olga e D. Cristina Berens Pereira, D. Maria da Conceição Meneses, D. Beatriz Costa, D. Paulina e D. Margarida Clementina Ribeiro, etc., etc.



A sr.^a D. Leonor Maria José Corrêa de Sá (Asseca) e o sr. Emmanuel Kenspinski, encarregado de negocios da Noruega, no dia do seu casamento

E os srs. dr. Mário Moutinho, dr. Leite Lage, dr. Henrique Parreira, dr. José Pontes, Pedro Joyce Diniz, dr. António Caldeira Coelho, dr. Tomaz Ribeiro Colaço, dr. Luís Supico Pinto, Guilherme Cardim, Armando Vilar, tenente da armada Manuel Manso, António Rolin Fuschini, José Consiglieri Pedroso, Virgilio Soares, Israel-krieff, Carlos da Mota Marques, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

— Na parochial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Madalena Monteiro do Régio, gentil filha da sr.^a D. Madalena Monteiro do Régio e do sr. Sebastião do Régio, director dos serviços centrais da Companhia Nacional de Navegação, com o sr. Jacinto de Almeida, filho da sr.^a D. Licia de Almeida e do sr. Joaquim de Almeida.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Adelaide Régio, e D. Laura Avelar e de padrinhos os srs. Teixeira Marques e Manuel Paulino dos Santos.

— Realizou-se com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria do Carmo Madroal Gonzalez, interessante filha da sr.^a D. Maria de La Candelaria Gutierrez de Madroal e do sr. Cristóbal Madroal Merencio, com o sr. Fernando Correia dos Santos, filho da sr.^a D. Leopoldina de Almeida Querido, e do sr. João Correia dos Santos.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.^a D. Maria Paraíso Ferreira e o sr. Carlos Ferreira e por parte do noivo os srs. dr. Cunha Mota, meretissimo juiz do Tribunal das Transgressões e o sr.^a architecto Carlos João Chambers Ramos.

— Pela sr.^a D. Elvira de Abreu Felix Rodri-

gues, esposa do sr. Eduardo Maria Rodrigues, foi pedida em casamento para seu filho José, a sr.^a D. Guida Naughton, gentil filha da sr.^a D. Virginia Mena Naughton e do sr. John Naughton.

— Realizou-se na parochial de S. Jorge em Arroios, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Palmira Eduarda Pimentel Maldonado Araújo, com o sr. António Rolin de Mendonça Fuschini, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Herminia de Vasconcelos Correia e D. Ida Appleton de Oliveira Pegado, e de padrinhos os srs. D. Alberto Bramão e Roberto Pegado.

— Para seu filho Fernando, engenheiro director da Escola Industrial Francisco da Silveira, e presidente da Camara Municipal de Portogale, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria da Conceição da Costa Freire, esposa do sr. José Sodré da Costa Freire, a sr.^a D. Eugénia da Silveira e Lorena, interessante filha dos falecidos condes de Sarzedas.

— Na parochial dos Santos Reis, ao Campo Grande, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Ivete Bastos de Oliveira, gentil filha da sr.^a D. Maria da Conceição Bastos de Oliveira e do sr. Carlos José de Oliveira, membro do conselho de administração do nosso colega «O Seculo», com o sr. Afonso da Silva Bonifácio, filho da sr.^a D. Rosa Martins da Silva Bonifácio e do sr. José Gomes da Silva Bonifácio.

Celebrou o acto religioso, o prior da freguesia, reverendo Silvestre José Gonçalves.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Elvira Rodrigues Correia e D. Aurora Martins Pinheiro e padrinhos os srs. José Bastos, tio materno da noiva, que se fez representar por seu irmão sr. Manuel Bastos, e António Gonçalves Pinheiro.



Grupo das alunas de mademoiselle Sousa Donbas — a professora de ritmica — que tomou parte na festa de S. Carlos

Gomes Monteiro



GOMES Monteiro, a quem já se ficou devendo a obra «Vieira de Castro e a sua tragédia» — trabalho de investigação muito cuidado — acaba de lançar no mercado um novo volume que está provocando curiosidade. Basta o título: «A inocência de Urbino de Freitas» para despertar interesse. Nas suas páginas perpassam as mais emocionantes cenas da vida torturada do celebre médico do Porto, que foi acusado de envenenador e que um tribunal atirou para o degredo. Gomes Monteiro reunindo factos documentados, encontrou algumas revelações que se podem classificar de sensacionais.

Ferreira Monteiro



O autor do «Már das Tormentas» publicou agora um outro livro ao qual está destinado um êxito literário: «Galeria dos Espelhos». António Ferreira Monteiro, poeta, que tanto se exprime em verso como em prosa, revela nesta sua última obra, grandes qualidades de escritor que o colocam a par das melhores figuras literárias do seu tempo.

Anuplio de Lemos



Ao consul de Portugal em Santos (Brazil), sr. Anuplio de Lemos se deveu em grande parte, o brilho que assumiram a participação portuguesa no Centenario Vicentino e a oferta solene da Coluna — Padrão à cidade de S. Vicente, ultimamente realizada.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Portugal e o Vaticano



No Palácio da Nunciatura efectuou-se no dia 26 do mês passado um banquete, que devia ter-se realizado quando o Pontífice comemorou o aniversário da sua coroação. Por doença do Chefe do Estado foi adiado para esta data. No lugar de honra, sentou-se o sr. general Carmona, que tinha à direita os srs. Cardinal Patriarca de Lisboa, ministro dos Negócios Estrangeiros e Embaixador do Brasil e à esquerda os srs. dr. Oliveira Salazar, que foi a primeira vez que assistiu a um banquete diplomático, Nuncio Apostólico e embaixador da Grã-Bretanha. Noutros lugares sentavam-se todos os membros do Corpo Diplomático, presidente da Comissão Administrativa da C. M. L., governadores civil e militar e cônego Anaquim, vigário geral do Patriarcado.

Ao champagne falou monsenhor Bela, que começou o seu discurso por dizer: «A vossa presença, que é sempre uma ambicionada honra para esta Nunciatura, neste momento produz em mim uma dupla satisfação, motivada em primeiro lugar pela grande benevolência com que V. Ex.ª aceitou presidir a esta festa em honra de Sua Santidade Pio XI; e depois porque me proporciona ensejo de renovar a V. Ex.ª as suas respeitadas e fervidas congratulações pelo vosso completo restabelecimento». Terminou, afirmando:

«Dignai-vos aceitar, Ex.ª Sr. Presidente, os sentimentos da minha profunda gratidão pela distinta amabilidade com que quizestes tomar parte nesta homenagem ao Santo Padre, que segue com particular interesse, solicitude e paternal afecto, a vida e os progressos desta Nação, que, com seus heróicos feitos, tantas benemerências conquistou na difusão do cristianismo e da civilização».

O Chefe do Estado respondeu, agradecendo o amável convite e disse:

«Chefe de uma Nação que, através da História, sob a égide da Cruz de Cristo, levou aos confins do Mundo a sua acção civilizadora, é para mim motivo de sincero regozijo ouvir de vós, digno representante do Pontífice eminente, que com tão pura fé e tão profundo saber preside aos destinos da Igreja Católica, a afirmação do paternal afecto e devotada solicitude com que Sua Santidade segue os progressos da nossa Pátria».



Vai adiantada a construção do monumento que consagrará a memória dum dos maiores estadistas portugueses — Marquês de Pombal.

Já no nosso último número dissémos o que será essa notável estátua, cuja inauguração se deve realizar em 13 de Maio do próximo ano.

Queremos hoje arquivar nas nossas colunas os retratos de três artistas que conceberam a realização desse monumento grandioso. São eles: Adães Bermudes, Francisco dos Santos e António do Couto, autores do projecto designado com a legenda «Glória progressiva, delenda reatio».

Não quiz o destino que o escultor Francisco dos Santos visse realizado esse projecto, em que empenhou o melhor da sua surpreendente arte. Arrebatou-o, prematuramente, a morte. E as suas composições para decoração do monumento estão sendo agora transportadas ao mármore sob a proficiente direcção dos escultores Simões de Almeida e Lopes de Almeida.

A colaboração dos três artistas, cujos retratos encimam estas linhas e que contam entre os maiores valores da arte portuguesa, se fica pois devendo o belo monumento que perpetuará a vida e a obra do Marquês de Pombal.

Belo Redondo



Belo Redondo, que no jornalismo português ocupa lugar em destaque, acaba de publicar um livro a que deu o título de «A cidade dos fantasmas». É um conjunto de crónicas cheias de vigor e observações, recolhidas nos acasos da sua vida animada de reporter. Num estilo, cheio de cor e movimento, Belo Redondo evoca algumas imagens sugestivas da Lisboa desconhecida. São dignos de referência especial os capítulos: «A Morte do Rei» e «As prisões de Lisboa» — que noutro logar transcrevemos — que o consagram como um grande prosador da nossa língua.

Guedes de Amorim



O jornalismo vem dando á literatura um grande contingente de figuras que estão marcando um lugar. Guedes de Amorim, que queima os nervos dia lamente na imprensa, acaba de escrever mais uma novela, de estilo realista, que tem alcançado um justificavel êxito de livraria. A nova obra intitula-se «A mulher do proximo». Descreve-se nela no dizer do autor — o amor proibido e os vícios do nosso tempo, ao mesmo tempo que tem paginas onde se foca a vida sádica dos campos.

VIDA FEMININA

Há sempre na educação da mulher uma tendência para cair num extremo, que não tem razão de ser. Antigamente entendia-se que a mulher poderia apenas empregar a sua actividade a fiar, a coser, a passajar, a bordar e como trabalho ou distração, poucas coisas mais lhe eram permitidas. Hoje caiu-se um pouco, no outro extremo. Há pessoas, que têm infelizmente, uma má compreensão do que é a mulher moderna e que para não passarem por bota de elástico, não pegam, por coisa nenhuma numa agulha e muito menos ensinam suas filhas a coser ou bordar. A desculpa é sempre a mesma. As pequenas são modernas, têm muito que estudar, e, depois não é elegante coser. É este um dos maiores erros em que se pode cair na educação duma rapariga, que tornando-se mulher o natural é que case, tenha casa, marido e filhos a tratar, e, não sabendo coser a sua missão é-lhe muito dificultada, porque fatalmente terá de o fazer. Os estudos em nada impedem que uma menina aprenda a cortar, a alinhar, a coser, é antes um repouso para o trabalho intelectual, o trabalho de agulha. Os ingleses dizem, que para a mulher, o melhor calmante dos nervos é o trabalho de agulha. Mas em geral as inglesas modernas não apreciam muito esse calmante. É preciso que a mulher não perca nunca as qualidades femininas, e não é desculpa bastante, que tenha as suas ocupações intelectuais, para não pegar numa agulha e não se entreter com um trabalho que tem todas as vantagens e que mantém sempre a mulher na sua feminilidade. O tempo

bem distribuído chega para tudo. E a variedade do trabalho é um descanso. Nem sempre armada em costureira, nem o desprezo pelo trabalho em que as nossas mãis e as nossas avós empregaram o seu tempo. Toda a rapariga bem educada, além do seu curso e das suas abilitações literárias, deve saber fazer a sua roupa, um vestido, um chapéu, deve saber bordar e deve saber de cozinha. Nada há de pior do que as mulheres, que, por terem um curso ou saberem falar umas tantas linguas, imaginam descer do seu pedestal, porque têm de coser um botão no casaco do marido, ou fazer um doce para o jantar. É antes, ao contrário, uma superioridade da mulher sobre o homem, que tendo muitas vezes um curso superior pode acudir pela sua habilidade e saber, às pequenas dificuldades da vida prática.

A mulher digam o que disserem, e, façam o que fizerem, não deve nunca abdicar da sua qualidade de mulher. E as horas que tantas senhoras perdem, muitas vezes, fumando e dando à língua, sem utilidade alguma, aproveitadas num pequeno trabalho seriam de muito mais simpático emprego. Em Portugal a mulher, senhora de sua casa, a que não está empregada, perde em geral um tempo precioso, que bem aproveitado

seria uma enorme contribuição para o equilíbrio do orçamento do "ménage". Como modelo de aproveitamento de tempo, não há mulher que dê melhor exemplo, do que a mulher francesa. Todas as suas horas são aproveitadas, ela sai mais do que uma vez ao dia, mas levanta-se cedo e não perde um minuto. Até nos eléctricos e nos "autobus", aproveita o seu tempo. Lê ou faz "tricot". Mas nunca o seu tempo é desperdiçado. É certamente esse um dos motivos que faz da França o país do pé de meia. São estas francesas, burguesas inteligentes e úteis, à sua família e ao seu país que eu gostava de ver imitar pelas portuguesas, que têm o delírio do francezismo e não essas mulheres extremamente pintadas, fumando, não como uma pequena distração em sociedade, mas como desequilibradas, dum "chic, doentio, que são uma excepção dentro dum povo equilibrado e que por desgraça desse povo e das que têm o delírio de o imitar, são o modelo da mulher moderna ou daquela que julga que ser extravagante é ser moderna. A mulher moderna é a mulher perfeita, que não se envergonha de coser, de saber fazer os vestidos dos seus filhos, tratar da roupa de seu marido, da sua, enfeitar a sua casa com os seus trabalhos, o que a não impede de ser



instruída e de ser até intelectual. A costura é pois, indispensável na educação das raparigas, que se devem habituar a ver na agulha uma amiga e uma auxiliar de toda a sua vida, que a torna independente e senhora de si e da sua casa. As mãis que o não esqueçam.

Maria de Eça.

A moda

A moda já assente não apresenta nestes últimos quinze dias, uma grande variedade. Damos hoje dois modelos, muito modernos e «chics». Um deles é uma linda toilette de tarde em setim preto e setim branco, rematada por um gracioso chapelinho da ultima moda. É uma «toque» em flôres de veludo e seda brancas. Uma preciosa «toilette» acentua a frescura do lindo chapéu, que é um mimo. As grandes modistas de chapéus parisienses anunciam que os chapéus este ano serão guarnecidos a flôres. É sempre uma notícia que encanta todas as senhoras, porque no verão, nada ha mais fresco e mais gracioso do que um alegre chapéu de palha, guarnecido a flôres, sobretudo as raparigas muito novas, vêem a sua fresca belêsa sobresaír emoldurada pelas abas dum florido chapéu. É sempre uma moda que têm uma grande aceitação. Para a noite a grande novidade que é verdadeiramente sensacional, e que é bem justa, porque com ela se conseguem os mais lindos efeitos da linha moderna, é a junção do «organdí» e da renda preta.

A elegancia impõe-nos ver os fluctuantes vestidos em «chiffon» ou o organdí, só ou ligado com qualquer outro tecido. Damos hoje uma linda



«toilette» de noite, em renda preta e «organdi», por ela verão, que delicados efeitos se obtêm com estes dois tecidos. As mangas são duma grande belesa e dão um verdadeiro aspeto de borboleta negra á esbelta rapariga que o usa. O corpo esbelto e cingido até ao joelho em tiras de renda e «organdi» e abre em baixo em graciosos folhos de «organdi» e renda. É um encanto este vestido duma leveza e graça unicas. Temos a certeza que as nossas leitoras apreciarão a sua requintada elegancia, feita de gosto e «chic».

Noivas

É sempre um lindo traje o de noiva e todas as meninas sonham com ele, muitas querem mesmo casar, com a idéa de vestir o lindo vestido branco que as fará mais belas ainda do que já são, e que tornará mais apaixonado o seu noivo. E' preciso um grande gosto na escolha do vestido. Se ha «toilette» que favoreça é esta; mas para isso é necessario, que seja bem escolhida porque nada era mais desastroso do que uma noiva mal vestida. Os vestidos de noiva têm em geral uma linha muito particular, mas aproximam-se o mais possivel da linha da moda. Na escolha do tecido é preciso o maior cuidado. Uma senhora morena ou forte, não deve nunca escolher o setim para o seu vestido de noiva. E' sem duvida o setim o mais lindo tecido para um vestido de noiva. Mas fica bem às meninas brancas e sobretudo ás loiras, quando são delgadas e esbeltas. Ás brancas de cabelo escuro é tambem favoravel. As morenas devem preferir os crepes de um bom marfim. Agora usam-se os crepes «georgette» que dão um ar extremamente vaporoso, mas que se torna caro, porque exige um vestido em setim a fazer o forro. Os crepes de «chine» «marrocain» «peau d'ange» e «ribouldingue» usam-se tambem muito para este genero de «toilettes» e são mais economicas. Os véos são sempre em tule e quanto mais tule tiverem e mais fartos são, melhor é o efeito que dão. Damos hoje dois modelos de vestidos ambos duma subida elegancia, usados por duas elegantissimas parisienses. Uma delas pertencente á colonia grega em Paris; Mlle. Maria Kassonadas



que casou com um grego o senhor Zarpas. A outra é a elegante Mlle. Solange Müller. Qualquer delas veste com muito «chic» a sua «toilette» de noiva.

Bordados

É interessante observar como alguns bordados atravessam como nuteoros as nossas casas, e, a sua voga não dura senão uns anos ou mesmo meses. Outros conservam sempre o seu prestigio e mantêm-se anos em uso. O Richelieu é sem dúvida um desses. É um dos mais lindos bordados que se tem inventado, e, é talvez esse o motivo que o tem tornado tão apreciado de várias gerações. Damos hoje um lindo desenho Richelieu que pode ter várias applicações. Pode servir para toalha de aitar, para vestido de criança, para borda de lençol. É um lindo trabalho para fazer nas férias, á beira-mar ou nos ócios do campo. É um desses trabalhos em que as senhoras gostam de se entreter e que é sem dúvida muito útil e duma grande belesa. O que o tornará apreciado pelas nossas habilidosas leitoras.

Um uso japonês

SEGUNDO a milenária tradição japonesa o mikado depõe no berço da primeira recém-nascida, um punhal. Se o recém-nascido é do sexo masculino, o Imperador depõe uma espada, o que é perfeitamente compreensivel, sendo o officio de todo o bom principe de se tornar não só o legislador do seu país, mas o capitão do seu povo. Mas porquê, se é uma menina, o punhal? As explicações são diversas. As senhoras sustentam que tal uso é útil, porque a recém-nascida terá necessidade no futuro de se defender dos homens. Estes por sua vez têm a convicção de que o punhal é para as ferir pelas costas. Em vez de dar a um símbolo tão simples uma interpretação tão tendiciosa, fiquemos no sábio sentido dos antigos. A vida é luta para o homem e para a mulher e para todos começa no berço. Quando uma semana depois a menina é apresentada, na chamada «primeira refeição», que é um suntuoso banquete a todos os maiores dignatários da corte e do Império, o Mikado depõe novamente no berço um punhal. Esta sobrevivência dum protocolo da Idade-Média, num povo que se lançou numa modernização vertiginosa, assimilando o espirito da novissima civilização, é o que mais fére os estrangeiros. E é especialmente nas solenidades familiares, que o Japão mantêm todas as velhas tradições. Fazem-se esconjuros dos espiritos malignos e o padre faz imediatamente rezas para que o seguinte filho seja rapaz. Até agora o Mikado Hirohito e sua mulher Nadako só tiveram 4 meninas uma das quais morreu.

Dança

COMOEDIA, anunciou o nascimento duma nova dança, parente próxima segundo dizem, do Tango. Os competentes anunciam, que terá muito sucesso e fará o seu caminho. O que não admira tratando-se de pés. A nova dança já que os professores de dança já ensinam é a «Ranchera». Como o seu nome indica vem dos Ranchos, ou melhor ainda, das feitorias das Pampas, argentinos. Dança-se com o ritmo do tango, mas com passos diferentes e tem cadência mais viva e mais rápida. A nova dança foi apresentada no recente Congresso de Professores de dança, que se realizou no teatro do Odéon, em Paris. O congresso condenou mais uma vez as danças de importação norte-Americana—como o Charleston—que deformam a linha e, que quando são dançadas por pessoas de certa idade se tornam ridículas. A «Ranchera» ao contrário, dizem os Congressistas,



que pode ser impunemente dançada, até por homens de barba branca. E para o provar uma professora de dança do Oregon, que já tinha passado a idade canónica, dansou-a perante os Congressistas, com um velhote e tiveram um imenso sucesso recebendo os aplausos de todos os presentes, que apreciaram a graça e o leveza, com que a nova dança foi dançada.

A mulher espanhola

A mulher espanhola, que ainda ha muito quem pense, que vive estendida num macio «divan» oriental fumando «cigarettes» e comendo laranjas, ou a namorar na varanda mouresca, está muito mudada e fermenta nela a necessidade do progresso, o amor pelo esforço e pela iniciativa. Até ha pouco sómente as jovens «misses» inglesas percorriam o mundo e seguiram em França e na Alemanha os mais arduos cursos universitários. Hoje o tipo da mulher estudiosa está muito espalhado em Espanha e uma das provas desse facto, foi o que se passou no Congresso de arqueologia, que se realizou em Barcelona. Entre os maiores sábios da Europa, calvos e de oculos de aro de ouro, estava uma menina, de longos caracois louros, tão esbelta e delicada, que parecia uma boneca. Era esta menina a senhorita Maria Encarnacion Cabré, que apresentou um re-

latório sério e documentado, duma erudição levada ao extremo, sobre o culto solar na idade de bronze.

Aos dezasete anos ela participou nas escavações de Azalia e da necropole de Atienza, e, redigiu uma memória dum grande valor sobre o pintor Navarro, alcunhado do «Mudo» E não é a única. Na «Action Feminine» a senhora Carmen Karr faz um hino ao trabalho da mulher, que a nobilita e a levanta e afirma que felizmente, agora são raras em Espanha as mulheres, que dependem dos pais, dos irmãos e dos maridos e que passam os dias a correr as lojas, a falar e a bocejar pelos cantos.

O exemplo das mulheres que trabalham fará cada vez mais, naquelas que o não fazem, um sentimento de vergonha e inutilidade.

A bandeira da mulher espanhola, tem agora a divisa. «Quem não trabalha, não tem direito á vida». E como não faz nunca as coisas no meio termo, a mulher espanhola, traz para a evolução do seu sexo, toda a paixão que dorme nos seus cintilantes olhos negros, toda a febre que bate nas suas artérias, sob a sua pele fina transparente e morena.

A mulher espanhola é toda entusiasmo.

Wagner e as mulheres

A colecção Burrel de Londres é a mais rica em documentos, sobre Ricardo Wagner. Naquele Museu pode saber-se a verdade sobre o grande músico de Bayreuth, e também da influência, que as mulheres tiveram na sua obra.

Na colecção encontra-se a formosa carta, que se julgava perdida, escrita por Wagner a Matilde Wesendock, e por causa da qual Minna Wagner, fez a Matilde uma cena violenta. A mulher ciumenta encontrou a carta no dia 7 de Abril de 1858 num rolo de músicas, que o maestro enviava pela sua criada, á senhora Wesendock. A carta que pareceu a Minna de ardente paixão, destruiu as suas últimas ilusões. Ela constava de oito páginas e continha uma apaixonada declaração a Matilde, que lhe parecia ainda incerta e intimidada.

Wagner pensou que a sua declaração de amor, não tinha sido entregue a Matilde, que tinha muitos hospedes em casa entre os quais o professor De Sauctis que a vigiava, pensava Wagner.

O maestro passou dias agitados e melancólicos durante as ferias e seu trabalho não progredia.

Enviava á amada bilhetes nos quais vibravam o seu despeito e o seu ciúme. Outras vezes era um hino de amor.

«Se vejo os teus olhos, não posso mais falar. Tudo o que digo parece-me vazio e inutil. Mas se esses maravilhosos olhos poisam em mim sinto-me envolvido num maravilhoso manto de harmonia. Isto é a paz e nessa paz está o preço da vida».

Ao ouvir o «Tristão e Isolda», no decorrer do magnifico segundo acto, sente-se nas notas a origem daquela eterna e divina melodia. Na carta encontrada lia expressões semelhantes. Acaba assim:

O tempo parece melhorar. Hoje desço ao jardim na esperança de a encontrar só, um momento que seja. Mando-lhe toda a minha alma nesta saudação da manhã. Esta carta foi traduzida do alemão, para inglês e francês e os biografos de Wagner acham que nela se encontra a grande influência, que leva este amor do Maestro dos Maestros, na criação do «Tristão» que é reputada por muitos, dos seus admiradores, como a sua obra prima. A mais sentida das suas soberbas obras.

A mesa

A moda intromete-se em tudo e as suas leis são inflexíveis. Na mesa tambem ela manda e estamos vendo o classico e convencional linho expulso das mesas, que guarnecia como senhor absoluto.

Os linhos lisos, os linhos adamascados brancos ou de côr, não são já os senhores absolutos, das nossas mesas. As toalhas já se não usam de linho.

Uma mesa elegante presidida por uma elegantissima dona de casa, já não vê a cobri-la as pregas pesadas do linho. O mais chic é a «toile de sòre» ou o «voile» bordados. A muscellina, o «voile», o «organdi» e alguns dos novos tecidos de algodão são agora usados com encantador efeito nas mesas.

São duma graça leve. Damos hoje uma gravura em que se vê uma linda mesa coberta com uma toalha em «voile» bordado. É dum soberbo efeito. No entanto a riqueza sobria e de tão grande aceio do linho deixar-nos-á sempre uma saudosa recordação.

De mulher para mulher

Vaidosa: — Usam-se os chapéus de palha e



tambem os de fita. O branco é sempre lindo nesta estação, e, fica bem a toda a geute. As senhoras estrangeiras não se preocupam com essa questão de idade e aos 35 anos vestem-se como aos 15. Deixe os cabelitos brancos em paz. A pintura prejudica sempre.

Gaby: — Claro que nas praias se continua a usar o pijama, e, se vai para o Estoril como diz, deve levar o seu. Desde que é frequentado por estrangeiros, já na praia, não ha diferença do que se vê lá fóra e o que usou em Saint-Jean-Luz, pode usar afoitamente.

Campezina: — Tendo assim um quinta tão linda não se deve queixar. E' agradabilissimo repou-sar, e, convidando pessoas amigas, como diz fazer, torna-se um paraíso. Se é para se distrair apenas, leia livros de Bourget, que são sempre interessantes e de Farrère que nos leva para tão longinquos países, o que é sempre uma variante.

Higiene e beleza

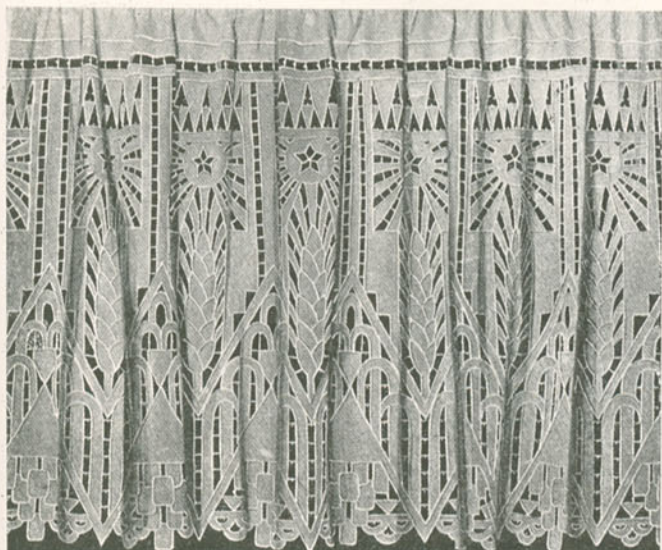
COM os dias quentes e de sol forte é preciso um maior cuidado com a pele, a alimentação, deve fazer-se principalmente de legumes, vegetais e frutas. Para as pessoas de pele gorda e oleosa é muito bom deitar-se na agua de lavar a cara umas gotas de creolina pura e em seguida empoar a cara com os seguintes pós: Oxido de zinco 20 gramas, Talco 20 gramas, Pós de arroz 2 gramas, Extrato de violetas 2 gramas.

Só ao sair fazer a «maquillage» no caso de usar. Para as peles secas pôr um bom crême, antes de pôr o pó de arroz, para evitar e expor a pele diretamente ao ar, o que a prejudica sempre, porque a faz estalar.

E' preciso ter muito mais cuidado com as peles secas, do que com as gordurosas, porque são mais suscetíveis de enrugar e portanto envelhecem mais cedo. E' esse um dos motivos porque os cremes se tornam absolutamente indispensaveis ás senhoras que têm essas peles.

Receita de cosinha

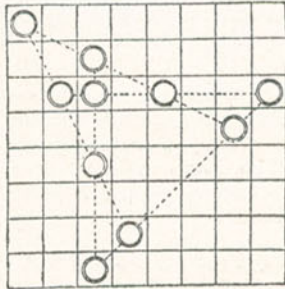
Croquetes de arroz doce: — Cose-se arroz com leite e açúcar, um pouco de agua de flôr de laranja, canela e manteiga. Quando está cosido juntam-se gemas de ovos e deixa-se arrefecer. Fazem-se bolos do tamanho de um ovo de pomba fritam-se e polvilham-se com açúcar e canela. E' uma sobremeza muito agradável.



UM DE PESTA

AS PEDRAS DO TABOLEIRO

Vêr-se-há pelo diagrama junto que se colocaram no taboleiro dez pedras do jogo das damas, de modo que formam cinco linhas rectas com quatro pedras em cada linha. Poderão os nossos leitores, formar uma nova combinação com cinco linhas também



de quatro pedras mudando as posições de seis, apenas, destas, ficando as restantes quatro onde agora estão colocadas? Está bem de vêr que as pedras devem ser colocadas perfeitamente no centro das casas e não nas bordas.

ANEDOTAS

Uma senhora edosa e nervosa (tomando quarto no quinto andar do hotel): — E que precauções tomou o dono do hotel em caso de fogo?

A creada de quarto: — Muitas. Segurou-o em quatro companhias, e pelo dobro do seu valor.

Actor notavel: — Diga-me com franqueza: Gostou do meu Hamlet?

O critico: — Ah! aquêlê Hamlet era seu? Logo vi que não era o de Shakspeare...

— O que é filantropia, papá?

— É um sentimento, meu filho, que nós percebemos, quando vemos uma pessoa em grande aflição, e somos impelidos a procurar, logo, alguém para lhe acudir.

Marido, regressando de viagem: — Vês, que não me descuidei, e que tive sempre bonitos postaes, de toda a parte onde estive?

Ela: — E' verdade, que sim. E estava quasi a completar o meu album. Foi uma pena teres vindo já!

Num exame:

— O menino compra dois kilos e meio de assucar a 4,700; 2 duzias de ovos a 5,700 e dois litros de leite a 2,200. Tudo isto, quanto dá?

O aluno, extatico:

— Dá um pudim de leite.

BRIDGE

Espadas. — 6, 5.

Copas. — —

Ouros. — valete, 2.

Paus. — —

8. — Espadas.

— Copas.

9, 7, 6. — Ouros.

— Paus.

A

Espadas. — 10, 7.

Copas. — —

Ouros. — 10, 5.

Paus. — —

B

Espadas. — 9.

Copas. — valete, 5, 3.

Ouros. — —

Paus. — —

O trunfo é espadas e B é mão. A e B fazem duas das quatro vasas.

(Solução do número anterior)

B joga oiros. A faz a vasa e trunfa. B pega e volta a trunfo, baldando-se A ao valete de oiros. B joga então duas vezes seguidas oiros, forçando os adversários a baldar-se. Se C se balda a copas, A desfaz-se da carta baixa de espadas e uma das copas; se se baldar a espadas, A balda-se ás copas. Em qualquer dos casos, B faz tôdas as vasas.

LOGAR AO REI

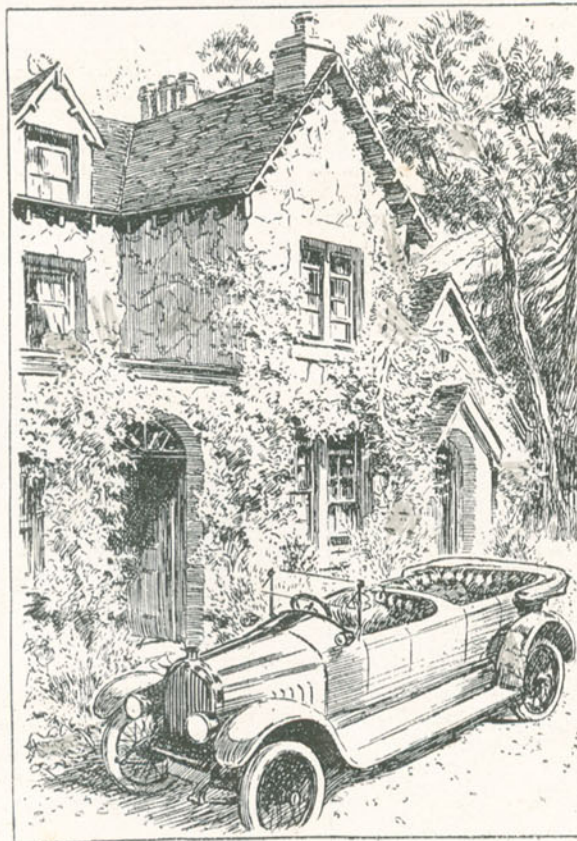
(Solução)

As pedras movem-se pela seguinte ordem: Como nunca há mais do que uma casa vaga, não pode haver dâvida sôbre a natureza do movimento:

Bispo, Rainha, Rei, Bispo, Torre, Rainha, Bispo, Torre, Bispo, Rei, Bispo, Rainha, Rei, Bispo, Torre, Rainha, Torre, Bispo, Torre, Bispo, Torre, Bispo, Rei, Bispo, Rainha, Rei.

Dêste modo, o rei alcança a casa primitivamente desocupada, ao fim de 26 movimentos.

ONDE ESTÃO ÉLES?



Nesta gravura estão escondidas 23 figuras: o dono e a dona da casa, convidados, cães, veados, etc. Poderão encontrá-los? É facil...

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	F	A	R	O	L	I	R	O	S	A	
II	E	L	I	T	E	M	O	V	A	M	
III	L	I	M	O	A	L	E	V	E		
IV	I	C	A	A	G	A	M	E	L		
V	Z	E	O	L	A	R	E	L	A		
VI			O	V	A	R	I	N	A		
VII	R	E	A	D	I	P	E	E	R		
VIII	E	M	A	O	C	O	O	R	E		
IX	T	I	N	A	O	A	R	A	L		
X	E	T	A	P	A	A	R	A	M	E	
XI	M	E	L	A	R	S	O	L	A	R	

ANEDOTAS

Voltaire, com o seu grande talento e com o seu character sarcastico, falando das corporações scientificas, dizia, há mais de um seculo:

«A Academia Francesa é uma corporação literaria que recebe no seu seio, titulares, preladados, altos funcionarios, magistrados, geometras, e até mesmo literatos e filólogos».

Entre amo e creado:

— É o cobrador, dizes tu? Não lhe dissêste que eu não estava em casa?

— Disse, sim, senhor; mas êle não o quer acreditar.

— Não quer?!... Então, será necessário, que eu próprio vá lá dizer-lho?

O barbeiro — O senhor tem o cabelo muito ralo...

O freguês — Há trinta anos era mais ralo ainda do que hoje...

O barbeiro — Isso é que admira, porque o seu parecer é o de um homem que não tem mais de trinta anos!

O freguês — Fi-los ontem.

A dona da casa, furiosa:

— O' Gertrudes! Isto já é mais do que desmazelo! Estas cadeiras têm dois dedos de poeira!

A creada, tranquilamente:

— Não admira, minha senhora. Há três dias que ninguem se senta nelas!

No dia de ano bom.

A mãe abre minuciosamente um embrulho que acaba de chegar, enquanto a Luizinha lhe segue os movimentos com anciedade. Por fim, aparece uma bonêca magnífica.

Então, Luizinha exclama:

— Ah! mamã, que medo tive, pensei que era algum presente para ti!

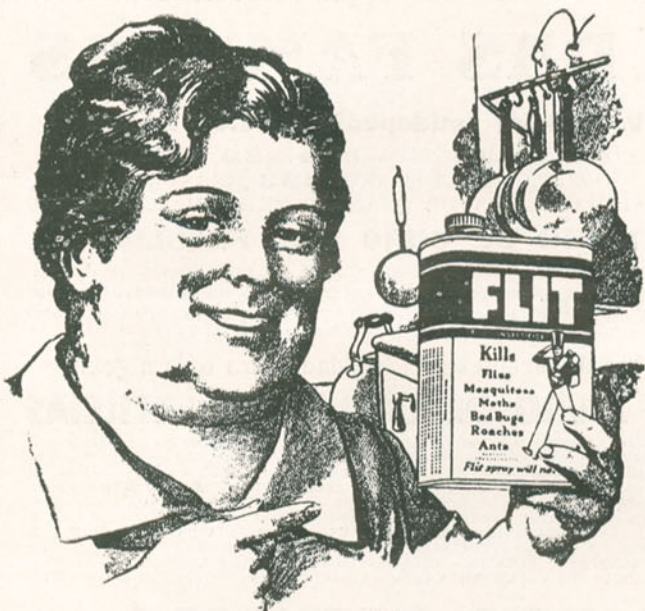
Encontro na Avenida:

— Então, já sei que arranjaste um bom emprêgo?

— É verdade, numa companhia de minas.

— Mas parece não teres nada que fazer? Vejo-te sempre a passeiar!

— Não te admires. Eu sou o encarregado de pagar os dividendos aos acionistas.



SÓ FLIT
me convem...

As nojentas moscas deixarão de es-
tragar os alimentos que eu preparei!

Liberte totalmente a sua casa dos zumbidos de insectos e livre-se das suas mordeduras — as nojentas moscas infectam os seus alimentos e os mosquitos são o vehiculo da transmissão de febres, por meio dos seus incómodos ferrões. FLIT vaporizado, matará todos os insectos, rápida, seguramente e sem perigo nem para si nem para os seus animais de estimação. FLIT é vendido **unicamente** nas latas amarelas **soladas**, com o soldado e a barra preta, e nunca de outra forma.



FLIT

Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHO
13, Rua Garrett, 23 — LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição

ANTEU

POEMA DRAMÁTICO
— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por BENITO MUSSOLINI

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO
DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadên-
cia moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, R. Garrett, 75 — LISBOA



Porquê?

Por que motivo sofre resig-
nada das suas dôres de
cabeça, se toda a gente
sabe que a Cafiaspirina é
um produto de toda a con-
fiança, absolutamente in-
ofensivo para o organismo,
e que rapidamente suprime
todas as dôres, por vio-
lentas que sejam?

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGENCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê depressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
 encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

1 vol. de 266 págs. broc. 10\$00

Á venda em todas as livrarias

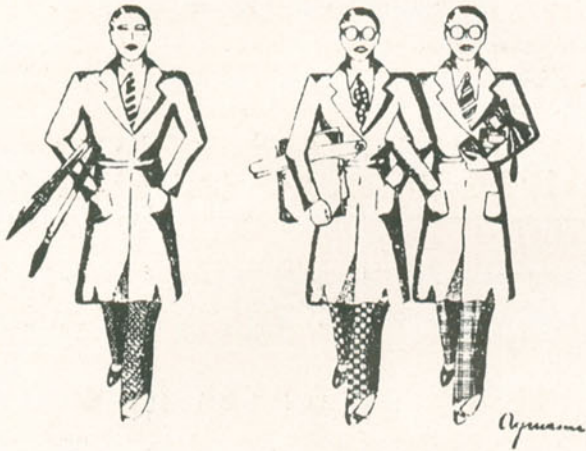
Pedidos á

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE
2 1368
BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Grande sucesso literário

2.^a EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

 1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
 encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A's Três pancadas...

TEATRO PARA AMADORES

POR

Armando Ferreira e Abreu e Souza

12 peças num acto em todos os generos

A' venda em todas as livrarias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

 AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
 Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**Orçamentos Grátis****Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA****Telefone 2 2074**

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado. 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época
presente, em que a febre de enri-
quecer se faz sentir mais do que
nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo
subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz
de percorrer quilómetros sobre uma folha de
rosa, de explicar em vinte volumes de análise
a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Livros da Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc. 13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc. 13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. 12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc. 14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. 12\$00
Elementos da História de Arte, 1 vol. enc. 25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc. 14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. 14\$00
O Livro de Português, 1 vol. enc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacifico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na Africa*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BÉGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacifico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



Dormir

Um sono calmo e reparador é o principal factor para a beleza e a saúde.

Nessas horas de repouso, os olhos recuperam o brilho e o corpo fatigado recupera a força.

Os nervos exaustos são acalmados e restaurados e novas energias são creadas, para o trabalho do dia seguinte

O sono torna-se calmo e natural bebendo antes de se deitar uma chavena da deliciosa OVOMALTINE. Não ha nenhuma bebida alimentar de mais facil digestão ou rica em qualidades nutritivas e restauradoras do cerebro, nervos e corpo.

OVOMALTINE
E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarías e boas mercearias. em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREEIROS 41 2.ª - LISBOA